



OPORTUNIDADES E PERIGOS NA “ERA DA DESORDEM”

Documento de perspectivas mundiais
da **Alternativa Socialista Internacional**

ASI 

L SOCIALISMO
S **R**
LIBERDADE REVOLUÇÃO

Introdução

Quase quatro meses se passaram desde que o documento “Oportunidades e perigos na ‘Era da Desordem’ foi rascunhado pela primeira vez. Neste período acelerado de mudanças, este é um período muito longo. Como resultado, surgiram uma série de desenvolvimentos cruciais que este documento não cobre. No entanto, acreditamos que as principais tendências nele identificadas foram, em geral, confirmadas e reforçadas.

Como o documento apontou, “a imensa polarização permanecerá, assim como a fragilização das instituições burguesas”. O ano de 2021 mal tinha começado quando o mundo todo assistiu com perplexidade como milhares de apoiadores de Trump e de extrema-direita invadiram o edifício do Capitólio em Washington DC - o ápice da campanha

demagógica de meses de Trump sobre a narrativa da “eleição roubada”. Estes eventos profanaram uma instituição sacrossanta do capitalismo estadunidense, que setores dominantes da classe governante dos Estados Unidos, que haviam suportado Trump por quatro anos, não puderam tolerar devido a seus efeitos desestabilizadores. O cerco do Capitólio levou a um certo endurecimento do Estado em relação à extrema direita para recuperar o controle dos acontecimentos, e desencadeou o segundo processo de impeachment de Trump no Senado.

Ao mesmo tempo em que aguçaram os conflitos internos dentro do Partido Republicano, estes eventos também demonstraram a relativa resiliência da principal base eleitoral de Trump, que muitos legisladores republicanos não estão interessados em alienar. Nesse sentido, nem a decadência da democracia burguesa dos EUA, nem o perigo de um populismo de direita mais assertivo e movimentos de extrema direita crescendo em seu meio - ambos os quais ilustrados graficamente pelos eventos de 6 de janeiro - serão fundamentalmente revertidos pela chegada de Biden à Casa Branca.

Sem dúvida, o novo governo Biden pretende “traçar uma linha na areia” com os últimos quatro anos de Trump no cargo, projetando uma nova imagem de mudança. Especialmente na frente doméstica, a profundidade da crise econômica e sanitária herdada por Biden o obriga a fazer mais do que apenas repintar a fachada. O novo Plano de Resgate Americano de US\$ 1,9 trilhão, que inclui dinheiro de helicóptero, investimento público em saúde e ajuda aos governos locais, confirma uma mudança nas políticas econômicas da classe dominante estadunidense, afastando-se da cartilha neoliberal. Além disso, o governo Biden também está discutindo gastos de 2 trilhões de dólares em infraestrutura e criação de empregos e pagamentos de 300 dólares por mês por criança para combater a pobreza infantil, que se situa em 21%. O Relatório de Competitividade Global do Fórum Econômico Mundial de 2019 classificou os EUA em 13º lugar em qualidade de infraestrutura. Biden advertiu que a China “comerá nosso almoço” se os Estados Unidos não “intensificar” seus gastos em infraestrutura, em seus comentários aos senadores após seu primeiro telefonema com Xi Jinping: “Eles estão investindo bilhões de dólares, lidando com uma série de questões relacionadas a transportes, meio ambiente e uma série de outras coisas. Nós simplesmente temos que acelerar”.

Estas medidas podem e certamente irão proporcionar alguma margem de manobra para a nova administração Biden, mas não irão abordar as contradições estruturais subjacentes que estão no cerne da crise. Elas indicam, entretanto, que o estímulo maciço e o aumento das intervenções estatais vistas durante todo o ano passado assumiram uma dinâmica própria, e não serão rápida ou facilmente encerradas - embora a durabilidade e a acessibilidade destas medidas, realizadas em escala internacional, variem muito de um país para outro. Em geral, porém, os setores dominantes da burguesia entendem que a devastação da depressão global do ano passado significa que partes importantes da economia ainda estão no suporte de vida, e que puxar a tomada agora correria o risco de matar o paciente, além de aumentar os já altos níveis de instabilidade política e social. Portanto, concordamos com o Wall Street Journal quando comentou recentemente: “O rescaldo da crise da Covid poderia trazer muito mais intervenção governamental”.

Considerando que a economia mundial registrou no ano passado a maior e mais ampla queda em sua história, afetando 93% dos países, é provável que muitos países vivenciem

alguma forma de recuperação econômica em 2021. Mas isto claramente não significará um retorno aos níveis anteriores de produção ou crescimento estável, e vários fatores poderiam provocar uma nova recessão global ou recaídas mais localizadas da recessão, sob o peso de novos surtos e lockdowns da Covid - como parece cada vez mais provável na zona do euro - ou desencadeados por uma nova crise financeira - cuja ameaça, como nosso documento já explicou, não desapareceu. Os cenários da economia global serão em grande parte afetados pelo nível de eficácia da vacinação em escala mundial.

A recuperação inicial do otimismo entre os burgueses neste assunto no outono passado deu lugar, desde então, a uma perspectiva mais sóbria, uma vez que as complicações, contradições e caos dos lançamentos de vacinas vieram à tona dramaticamente. A anarquia do mercado, o abismo crescente entre os países mais pobres e os mais ricos, o motivo de lucro das empresas farmacêuticas, o prestígio e os interesses competitivos das classes dirigentes nacionais, tudo isso impede uma resposta rápida, global e eficaz. De acordo com a OMS, em 10 de fevereiro, cerca de 130 países - lar de cerca de 2,5 bilhões de pessoas - ainda não haviam administrado uma única dose de vacina. Mas mesmo nos países da União Europeia, apenas 4% da população recebeu até agora pelo menos uma dose. Um cálculo da Bloomberg mostra que, no ritmo atual de vacinação, o mundo levaria sete anos para atingir a imunidade de rebanho.

Esta lentidão e a falta de capacidade de produção e distribuição de vacinas oferecidas a muitos países do mundo neocolonial proporciona mais espaço para a propagação de novas variantes da doença, potencialmente mais nocivas e resistentes à vacina. Isto ainda pode comprometer os esforços já empreendidos mesmo nos países mais avançados e pode contribuir, ironicamente, para um aprofundamento da fragmentação geopolítica e tendências desglobalizantes.

O caos e a ineficiência que caracterizam o lançamento global da vacina é de grande importância política. Como foi o caso na primeira onda com a escassez de EPI, ventiladores, testes, etc., a crise de vacinação do capitalismo chama a atenção para os grilhões que o capitalismo impõe à produção e distribuição dos bens mais necessários. De particular importância é o fenômeno do “nacionalismo das vacinas” que já levou a confrontos acalorados entre o Reino Unido e a UE que ameaçaram dinamitar o acordo sobre o Brexit apenas alguns dias após sua conclusão. A pressa das classes dirigentes nacionais em vacinar os “seus” primeiro, motivada pelo desespero de reabrir a máquina do lucro e de se antecipar economicamente aos rivais, é uma das maiores ameaças à luta contra a Covid, que requer um programa internacional de vacinação e combate ao vírus.

Mesmo que a pandemia de Covid-19 fosse controlada, esta pandemia tem sido, de qualquer forma, uma comprovação da escala e dos efeitos cada vez mais acelerados da catástrofe ambiental em curso gerada pelo modo capitalista de produção. O pesquisador ambiental John Vidal, que falou com especialistas científicos e médicos de todo o mundo, advertiu recentemente que com base na contínua destruição do habitat natural dos animais, o pior ainda está por vir em matéria de ameaças virais, instando a se preparar para uma pandemia pior do que a de Covid “na escala da Grande Peste”, que poderia “devastar o globo em semanas”. O próprio fato de tais cenários serem discutidos plausivelmente dentro da comunidade científica dá uma visão dos níveis de barbárie que a perpetuação deste sistema traz consigo.

O conflito entre os EUA e a China tende a acelerar

Biden apresentou sua política externa como uma ruptura radical com a de Donald Trump. Como já assinalamos no documento, os primeiros sinais indicam que uma relação mais fria com o regime saudita está por vir, e que ele terá que “fazer algo” sobre suas promessas eleitorais de acabar com a guerra no Iêmen - uma guerra que o governo Obama foi fundamental para instaurar. As condições para um renascimento do acordo nuclear iraniano, no entanto, estão se mostrando um campo minado político, e o presidente iraniano Rouhani - que tem exigido alívio de sanções antes de voltar à mesa de negociações - termina seu mandato neste verão.

As últimas semanas também acabaram com as ilusões de que uma administração democrata irá levar a um restabelecimento qualitativo nas relações EUA-China. “O presidente Trump estava certo em adotar uma abordagem mais dura em relação à China”, disse o Secretário de Estado Antony Blinken em sua sabatina de aprovação. Embora não adote uma política de enfrentamento direto, o grande confronto interimperialista está aqui para ficar e provavelmente vai se ampliar. Biden prometeu “concorrência extrema” com a China em meio a uma crescente brandir de armas no Mar do Sul da China, e um crescente impasse sobre novas tecnologias que envolvem muitos outros países em seu caminho.

Recentemente, vários acordos comerciais foram assinados, mas seus detalhes ainda precisam ser negociados - como é o caso do acordo UE-China, assinado em 2020, mas que não será finalizado antes de 2022, se é que alguma vez o será, e que ainda precisa ser ratificado pelo Parlamento Europeu. Além disso, estes acordos comerciais não podem esconder o contexto da crescente polarização da Guerra Fria em que eles estão ocorrendo. Isto está ilustrado pela disputa entre Austrália e China, levada a novas alturas quase imediatamente após a assinatura do acordo RECP na Ásia-Pacífico. Enquanto isso, a narrativa de “direitos humanos” da diplomacia de Biden parecerá superficial, pois seu governo procura fortalecer alianças com rivais regionais chineses, principalmente o regime de Narendra Modi na Índia - cujo caráter cada vez mais antidemocrático é indicado, entre outras coisas, por suas violentas tentativas de reprimir os apoiadores da heróica revolta dos camponeses, que dura meses e é amplamente popular, abalando seu governo.

Precisando projetar força tanto na frente interna quanto na externa, o regime chinês intensificou sua repressão em Hong Kong. Em janeiro, o PCC realizou o maior expurgo de figuras da oposição desde que impôs a lei de segurança nacional à cidade, e os sindicatos de trabalhadores foram colocados sob controle. A ASI, como comentamos no documento, precisa dar às exigências democráticas “uma ênfase crítica e renovada neste período”. Este ponto encontrou uma nova e ardente expressão com o golpe militar em Mianmar, em 1º de fevereiro. Mas o outro lado da proposta também: o fato de que as classes capitalistas se voltam para formas mais autoritárias de governo “não acontecerá sem que haja resistência séria”. Os generais “desencadearam uma nova dinâmica revolucionária em um momento de intensa agitação social e econômica”, como um artigo do Financial Times descreveu apropriadamente, com centenas de milhares de jovens e trabalhadores tomando as ruas por dias a fio para resistir ao golpe em uma campanha de desobediência civil de massa. De suma importância é o fato de que a classe traba-

lhadora começou a se elevar como uma força independente em uma onda crescente de greves envolvendo médicos, professores, trabalhadores ferroviários, funcionários públicos, controladores de tráfego aéreo, bancários, mineiros de cobre... Significativamente, alguns policiais foram afetados por este movimento crescente, mostrando abertamente sua solidariedade com as massas nas ruas. No Haiti, milhares de pessoas têm marchado pelas ruas no início de fevereiro cantando “Abaixo a ditadura!”, pois o profundamente corrupto presidente Jovenel Moïse está se agarrando ao poder, governando por decreto há mais de um ano, e recentemente usou um suposto golpe de Estado como cobertura para reprimir a oposição e consolidar seu governo despótico.

Sem dúvida, a classe trabalhadora e a juventude intensificaram o ritmo da luta em todo o mundo, com novas revoltas chegando às manchetes quase diariamente. Significativamente, o recente relatório do Fórum Econômico Mundial identificou a “desilusão da juventude” como um dos principais fatores de risco global para 2021. O movimento de protesto de semanas que abalou a Tunísia desde meados de janeiro, os recentes protestos estudantis que irromperam por toda a Grécia e Turquia, a onda generalizada de protestos desencadeada pela prisão de Alexei Navalny na Rússia, todos viram a juventude lutando em primeiro plano, demonstrando níveis extremamente baixos de paciência com o autoritarismo, a corrupção e a pobreza. Mas os últimos meses confirmaram a igualmente firme radicalização que afeta seções da própria classe trabalhadora organizada, muitas vezes liderada por trabalhadores da saúde e educação - da Grã-Bretanha a Chicago, do País Basco à Bolívia.

É claro que as forças substanciais mobilizadas em muitos países pelos cétricos da Covid, de extrema direita, mostram o perigo de forças reacionárias também desenvolverem uma capacidade de mobilização. Entretanto, a base social destes protestos é mais dominada pela classe média e pela pequena burguesia do que pela classe trabalhadora, o que também é expresso em seu programa: pela “liberdade” contra o Estado e o direito de manter seus negócios abertos, contra as vacinas e a indústria farmacêutica multinacional e cética em relação à ciência, alimentando as teorias da conspiração reacionária e, às vezes, o antisemitismo aberto. A direita, que muitas vezes está liderando estes protestos, não pode ser combatida expondo moralmente que eles são de direita e defendendo medidas governamentais, mas combinando a mobilização contra a direita com a crítica contra as políticas capitalistas da Covid a partir de uma perspectiva socialista. Dito isto, algumas das camadas envolvidas nestes protestos refletem um sentimento antissistema muito confuso e podem ser potencialmente conquistadas pelo movimento de trabalhadores na medida em que assume um peso maior nos acontecimentos.

A instabilidade política e os conflitos entre as classes dirigentes também estão se aprofundando em todos os âmbitos. Em meados de janeiro, a Europa viu três governos nacionais serem derrubados em uma única semana na Holanda, Estônia e Itália, pois as classes dominantes têm dificuldade em navegar nas corredeiras desta crise sem precedentes. O crescente descrédito dos políticos, coalizões e partidos do establishment vai oferecer novas aberturas para forças que se apresentam como contra o establishment e antissistema. Este pode ser o caso da direita, como ficou demonstrado pelas recentes eleições presidenciais em Portugal, que viram o partido de extrema-direita Chega obter ganhos importantes contra o pano de fundo de um colapso para o voto da esquerda, em particular para o Bloco de Esquerda (BE), que agiu como uma boia salva-vidas para o

governo do PS e seu desastroso tratamento da pandemia. Mas este também pode ser o caso da esquerda, como mostra o primeiro turno das eleições no Equador em 7 de fevereiro, onde as massas infligiram uma derrota esmagadora no governo de saída da direita. Andrés Arauz, associado do ex-presidente reformista Correa, obteve o maior número de votos e o candidato do partido indígena Pachakuti, Yaku Perez, viu um aumento inesperado de apoio e perdeu por pouco um lugar no segundo turno (em meio a acusações de fraude eleitoral). Estes resultados são uma continuação política e expressão da revolta em massa de outubro de 2019.

Na Catalunha, após mais de 3 anos de impasse, as eleições regionais viram uma polarização intensificada, com o partido Vox entrando no parlamento catalão pela primeira vez, mas também a CUP de esquerda aumentando sua participação nos votos em 50% em comparação com as últimas eleições em 2017. É importante ressaltar que os partidos pró-independência obtiveram sua maior maioria até agora; isto, juntamente com uma provável vitória esmagadora para o SNP nas eleições de maio na Escócia, ressalta os pontos feitos no texto em relação à questão nacional e sua resistência como um fator chave na próxima crise.

No final do ano de 2020, vimos uma vitória histórica para o movimento de direitos ao aborto na Argentina. Um mês depois, o governo polonês impôs a decisão do Tribunal Constitucional que proibia o aborto naquele país, apesar do enorme movimento de resistência que havia abalado a elite governante no outono passado. Todos esses acontecimentos trazem à tona o que nosso documento havia sublinhado: o fato de que em todo o mundo, a sucessão de acontecimentos progressistas e reacionários, de ataques da reação e revoltas vindas de baixo, foi tremendamente aguçado e acelerado pela crise da Covid - provocando mudanças bruscas na consciência de massa, e apresentando nossa internacional revolucionária tanto com novos conjuntos de perigos como com oportunidades cada vez maiores para construir nossas forças.

Oportunidades e perigos na “Era da Desordem”

A pandemia de Covid-19 mudou o mundo para sempre, lançando o capitalismo em um turbilhão de crises de proporções sem precedentes, com consequências dramáticas em todos os aspectos da vida e abrangendo todas as partes do planeta. Ela agravou significativamente o conflito estratégico mundial entre as duas maiores potências imperialistas, os EUA e a China, o que bloqueia ainda mais os esforços para encontrar uma resposta “global”.

Enquanto as causas fundamentais desta crise residem nas contradições da economia capitalista, a Covid-19 não é uma anomalia nem um “grão de areia na máquina capitalista”; é um subproduto das contradições que o sistema criou, especialmente da destruição ambiental. Por si só, a própria existência deste vírus na população humana é uma denúncia do atual modo de produção, um aviso prévio de que o capitalismo está desequilibrando completamente o ecossistema e gerando perigos biológicos e ambientais em escala crescente, ameaçando a extinção em massa de espécies e a existência da civilização humana.

O vírus tem sido muito mais do que um simples catalisador para a atual depressão econômica. Os efeitos resultantes da pandemia não são uma “via de mão única”, mas uma interação dialética na qual a causa se torna efeito e o efeito se torna causa, a pandemia intensificando a força da crise do sistema que lhe deu origem em primeiro lugar.

A COVID tem sido um acelerador, uma panela de pressão que cozinhou todas as condições pré-existentes. Ela desencadeou e intensificou a recessão que se aproximava. Aumentou ainda mais as desigualdades de renda, gênero e raça. A ideologia neoliberal desgastada e agora está em farrapos. Os limites do Estado-nação têm sido acentuadamente destacados devido ao nacionalismo das vacinas. Também aumentou a crescente consciência de que toda a humanidade compartilha um planeta e um futuro comum e impulsionou o apoio às ideias de planejamento e colaboração. De um ponto de vista econômico, esta pandemia desfez completamente a ideia do capitalismo como um sistema “autorregulador”. A “mão invisível do mercado” perdeu totalmente o controle das forças que desencadeou - e foi forçada a dar lugar à “mão guia do Estado” em uma tentativa desesperada de recuperar um semblante de controle sobre a situação. Mas desde que a propriedade privada dos meios de produção, a maximização dos lucros e a competição entre os Estados-nação continuem sendo os alicerces do capitalismo mundial, isto está condenado ao fracasso e, em última instância, só irá piorar a situação. A má administração inicial desastrosa do Estado chinês também sublinha os limites das “soluções” capitalistas estatais.

O mundo entrou em uma fase qualitativamente nova de instabilidade generalizada, remodelando as relações mundiais e de classe, acelerando todas as contradições pré-existentes e dando origem a novas contradições. Apesar da inevitabilidade de fases temporárias de estabilização neste ou naquele país ou região, as convulsões revolucionárias e contrarrevolucionárias, características importantes da década anterior, serão amplificadas consideravelmente.

Esta crise está criando calamidades monumentais para as massas e preparando o caminho para calamidades ainda maiores no futuro. Mas também está abrindo o caminho para enormes mudanças na consciência de dezenas de milhões de trabalhadores e jovens em todo o mundo, e para convulsões políticas e sociais vulcânicas em todos os continentes. Perguntas anteriormente colocadas por uma minoria avançada, se tornarão cada vez mais questões ardentes colocadas por uma grande massa de pessoas. A crise já abalou muitas crenças estabelecidas, desfez o corpo ideológico do neoliberalismo e provocou um debate sobre como a sociedade humana está organizada em uma escala não testemunhada por várias décadas.

As condições objetivas que a humanidade enfrenta hoje estão clamando por planejamento democrático e socialismo internacional como nunca. Entretanto, como Lênin apontou, não haverá crise final do capitalismo - a menos que a classe trabalhadora lhe dê um golpe fatal, ele continuará a fazer bilhões de pessoas sofrer, dizimar ainda mais o meio ambiente e causar novas guerras. O capitalismo durou muito mais tempo do que os grandes líderes marxistas do século XIX e início do século XX imaginavam. Mostrou grande flexibilidade, mas também uma repressão brutal e duplicidade. Mas sua longevidade acumulou enormes contradições, também maiores do que os líderes do passado poderiam ter imaginado. Agora estas contradições interagem e colidem, acumulando

múltiplas crises e desastres para o capitalismo, e se não forem resolvidos, para a humanidade.

É difícil ver qualquer período de estabilidade pela frente. No entanto, o capitalismo não irá embora, mas sim irá se agarrar a muitas maneiras de se livrar destas amarras. A classe dominante irá se lançar com ziguezagues frenéticos, políticas contraditórias, buscando no passado soluções e abraçando novas ideias. Ela pode muito bem tentar reformas, gastando grandes quantidades de dinheiro do Estado, austeridade brutal, reação e muito mais.

A classe trabalhadora e a juventude procurarão em grande parte soluções internacionais e cooperativas, e cada vez mais o socialismo, para acabar com a prisão de instabilidade e sofrimento sem fim. Enfrentaremos tempos de calma e até de desespero, mas mais ainda movimentos e explosões titânicas. Os últimos vinte anos são um ensaio geral, pois a classe trabalhadora deixa o colapso do stalinismo no espelho retrovisor, para o que está por vir. A dura verdade do século XXI é que o capitalismo deve ser removido para libertar a humanidade de um futuro sombrio e, em vez disso, entrar em um mundo de segurança, bem-estar e harmonia ecológica.

A intervenção consciente dos marxistas neste período ameaçador e explosivo e a construção de poderosos partidos revolucionários e de uma Internacional para ajudar a classe trabalhadora a derrubar o capitalismo e construir o socialismo, continuam sendo, em última instância, a única vacina contra este sistema doente.

A ruptura metabólica com a natureza se tornando um abismo

Na sombra da crise sanitária e econômica, a crise climática continua a se aprofundar. Na situação atual, o gelo marinho ártico diminuiu 44% desde 1979, os mares aumentaram 25 cm desde 1880, o dióxido de carbono na atmosfera aumentou 6% nos últimos dez anos (para 413 PPM), e a temperatura média subiu 1,2 graus Celsius desde a época pré-industrial. Em janeiro de 2021, o mundo tem menos de sete anos para acabar com as emissões fósseis para uma chance de conter o aquecimento global dentro da meta de 1,5 graus estabelecida no Acordo de Paris. Ainda assim, 87% da produção mundial de energia é baseada em combustíveis fósseis.

Em 2020, as emissões de carbono diminuíram em cerca de 7% como resultado de lockdowns e da desaceleração econômica. As ilusões iniciais da “natureza se recuperando” foram, no entanto, expostas à vergonha - o ano 2020 estabeleceu vários recordes sinistros. As 29 tempestades tropicais formadas até agora no Oceano Atlântico este ano constituem o número mais alto desde o início dos registros, em 1851. 82% dos mares do mundo experimentaram pelo menos uma onda de calor marinho este ano. O ano 2020 parece ser, a partir de dados do início de dezembro, o segundo ano mais quente já registrado, ficando pouco atrás de 2016, segundo a Organização Meteorológica Mundial (WMO), que também observa que a década 2011-2020 será a mais quente já registrada, com 2015-2020 sendo os seis anos mais quentes.

O novo campo de pesquisa de “atribuição de clima extremo” pode agora mostrar uma clara conexão entre eventos climáticos extremos e a mudança climática - por exemplo, a onda de calor sem precedentes da Sibéria em 2020, vendo entre outros efeitos o ca-

tastrófico vazamento de petróleo em Norilsk (na Rússia), causado pelo derretimento do permafrost [solo até agora permanentemente congelado na região do Ártico] - se tornou pelo menos 600 vezes mais propensos pela mudança climática.

Alguns pontos de inflexão podem já ter sido ultrapassados: estudos deste ano mostraram que o derretimento das calotas de gelo tanto da Groenlândia quanto da Antártida prosseguirá mesmo que as metas de Paris fossem atingidas. Os grandes incêndios florestais do ano passado e sua contribuição para o aumento de 2,6% das emissões de carbono, em contraste com a média anual de 1,4% desde 2010, é um aviso de ciclos de retroalimentação postos em marcha. De acordo com a Organização Meteorológica Mundial (WMO), o aumento médio da temperatura pode ultrapassar 1,5 graus já em 2024.

A crise climática está intimamente relacionada com outras bombas ecológicas, como a contínua extinção em massa (68% dos animais vertebrados desapareceram desde 1970, segundo o Fundo Mundial da Natureza (WWF), e 24% dos insetos podem ter desaparecido nos últimos 30 anos). A invasão da natureza pela agricultura e pela indústria, tão crítica para a emergência da pandemia da Covid-19, atingiu níveis extremos - apenas poucas e cada vez menores áreas não "fortemente impactadas pela atividade humana" permanecem na terra e no mar. Nove em cada dez pessoas vivem agora em áreas severamente afetadas pela poluição do ar, o que se estima que cause a morte de sete milhões de pessoas a cada ano.

Isto reforça a profunda divisão de classes por trás da transformação do que Marx descreveu como uma ruptura metabólica entre os seres humanos e nosso meio ambiente a tornando em um abismo imenso. A metade mais pobre da população do mundo representa menos da metade das emissões de carbono dos 1% mais ricos. Que é o capitalismo como um sistema que deve ser eliminado para uma chance de parar e se adaptar às mudanças climáticas e à degradação ambiental é uma percepção que se imporá às mentes de amplas camadas de jovens, comunidades de classe trabalhadora e trabalhadores nos próximos anos.

Novos lockdowns - um golpe de marreta na economia mundial

De acordo com as últimas Perspectivas Econômicas Mundiais do FMI (14 de outubro), a crise do coronavírus infligirá danos duradouros ao nível de vida em todo o mundo. O FMI espera que a economia global se contraia em -4,4%, menos que os -5,2% estimados em junho. Isto ainda é de longe o pior desde a Grande Depressão do início da década de 1930. Estes números podem muito bem revelar-se muito otimistas. O relatório do FMI foi publicado pouco antes do recrudescimento da pandemia entrar em pleno vigor. Desde então, os lockdowns e restrições parciais se intensificaram, pois, seis meses após a pandemia, os governos ainda são incapazes de garantir condições seguras de trabalho e de vida.

Em muitos países, o toque de recolher foi instituído. Os bares e restaurantes estão fechados. Até um terço deles nunca mais reabrirão. As proibições de viagens são reintroduzidas com agências de viagem falindo. O número de pessoas que podem se encontrar é restrito, bem como a livre circulação. Os países estão lutando para salvar seus sistemas de saúde do colapso. Este é especialmente o caso da Chéquia e de outros países da Europa Central e Oriental que foram relativamente poupados pela primeira onda do

vírus, mas agora estão no olho da tempestade. Durante anos os trabalhadores da saúde da região emigraram em grande número, principalmente para a Europa Ocidental, atraídos por melhores salários e condições de vida. Os médicos na Hungria recebem 3 euros por hora e não estão impressionados com a promessa de um aumento salarial de 120% ligado ao fato de poderem ser transferidos para qualquer parte do país.

Mas mesmo nos países mais ricos, o sistema de saúde está sob ameaça. Mantê-lo em funcionamento é uma prioridade, assim como evitar o fechamento de escolas e locais de trabalho, porque “a economia não pode pagar outro fechamento total”, para citar o novo primeiro-ministro belga. Na França, 25% dos focos de infecção têm origem nos locais de trabalho, sendo as escolas a segunda principal fonte de infecções. As classes dirigentes estão preparadas para sacrificar nossas vidas por seus lucros, mas em muitos países esta abordagem está se tornando insustentável e acabando em novos lockdowns, mesmo que um pouco menos draconianos do que as medidas postas em prática durante a primeira onda. Isto é como um golpe de marreta contra os prognósticos de crescimento econômico dos burgueses, com amplas repercussões em todos os aspectos da vida.

A corrida por uma vacina

Por outro lado, no momento em que escrevemos, parecia haver cada vez mais boas perspectivas para o desenvolvimento bem-sucedido de uma primeira geração de vacinas contra a Covid durante a virada de 2020/21. Embora isto possa oferecer algum alívio à economia mundial, e potencialmente ser visto pela burguesia como um caminho para sair dos lockdowns intermitentes a curto e médio prazo, devemos salientar que uma vacina da Covid não vacinará a economia mundial contra a ameaça do desenvolvimento da nova Grande Depressão, nem erradicará a pandemia num futuro próximo. Além disso, a crise de legitimidade do establishment político aumentou a tendência ao “ceticismo de vacina” com pesquisas em vários países das Américas à Europa indicando que cerca da metade da população desses países não tomaria a primeira dose de uma vacina. Entretanto, isto provavelmente não afetará a abordagem geral dos burgueses, cuja prioridade imediata é mitigar o número de mortes a fim de reabrir completamente suas economias.

Mesmo nos países ocidentais, a produção e distribuição em massa de vacinas será um processo prolongado e será assolado por problemas e contradições. Mais uma vez, há uma dimensão muito pronunciada da Guerra Fria, lembrando a corrida espacial entre os EUA e a União Soviética, na “diplomacia de vacinas” concorrente do capitalismo chinês, russo e ocidental em relação às suas próprias populações e às da Ásia, África e América Latina. A incompetência e o caos que caracterizaram a corrida pelos EPIs, testes e ventiladores - decorrentes dos grilhões capitalistas da propriedade privada e do Estado-nação - no início deste ano, ressurgiu e ressurgirá na busca de um programa global de vacinação eficaz.

A questão da vacinação também vai dar destaque à rápida escalada da desigualdade entre classes, nações e regiões do mundo, que é uma das principais características da situação mundial. Os fatores de produção, armazenamento, logística e refrigeração já estão sendo citados como obstáculos ao fornecimento e distribuição da primeira geração de vacinas da Covid no mundo neocolonial. As limitações extremas do “planejamento” capitalista estarão em destaque nos próximos meses, pois os interesses nacionais

e corporativos concorrentes interferem em qualquer distribuição rápida e eficiente das vacinas existentes. A ASI deve desenvolver propaganda e um programa transitório que se concentre na necessidade de um programa global de vacinação em massa, universal e gratuita e segunda contra a Covid, com os interesses dos/as trabalhadores/as da linha de frente e dos vulneráveis em todo o mundo colocados em primeiro lugar.

O abismo entre Wall Street e Main Street se amplia

O FMI admite que cerca de 90 milhões de pessoas cairão em extrema privação até o final de 2020, enquanto o Banco Mundial estima que o número seja de 150 milhões. Isso aumentaria a parte da população mundial que vive com menos de US\$1,90 por dia de 8,4 para 9,1%. Todos os supostos ganhos obtidos na redução da pobreza nas últimas duas décadas, concentrados principalmente na China, serão eliminados. De acordo com a Oxfam, meio bilhão de pessoas a mais poderiam ser empurradas para a pobreza antes que a pandemia termine. Mais pessoas poderão morrer de fome do que da própria doença. Isto pode levar a revoltas do pão, como já vimos muitas vezes na história.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) diz que o equivalente a mais de meio bilhão de empregos em tempo integral foram perdidos no segundo trimestre de 2020. Esta devastação está concentrada entre os trabalhadores mais vulneráveis, de baixos salários, trabalhadores migrantes e trabalhadores informais. As mulheres são responsáveis por 54% da perda de empregos, enquanto representam 39% da força de trabalho global. As estatísticas oficiais de desemprego subestimam o alcance real do desastre. Em toda a OCDE e economias emergentes, cerca de 30 milhões de trabalhadores desalentados não estão aparecendo nas estatísticas oficiais. Na China, a maioria dos trabalhadores desempregados são migrantes internos, também ausentes das estatísticas oficiais, com relatórios independentes confiáveis dizendo que 50 milhões desses trabalhadores migrantes ainda estão sem emprego, apesar da chamada recuperação econômica.

Uma parte significativa da perda de empregos está concentrada nas pequenas empresas. A OIT estima que aproximadamente 436 milhões de pequenas empresas em todo o mundo estão sob ameaça. Um dos efeitos da crise tem sido um gigantesco salto de concentração de capital. Estima-se que as empresas “líderes da indústria” ganharam 335 bilhões de dólares em valor de mercado, enquanto as empresas “de baixo desempenho” perderam 303 bilhões de dólares em valor de mercado. Simultaneamente, de acordo com o UBS, os bilionários do mundo viram sua riqueza aumentar em 27,5% desde janeiro, atingindo um espantoso valor de 10,2 trilhões de dólares.

Acima de tudo, são os trabalhadores de baixa renda, muitos deles jovens, mulheres e grupos racializados, que sofreram a queda mais acentuada na renda em 2020. Aqueles que estão no topo da faixa de renda têm visto até mesmo um aumento na renda, capazes de trabalhar de casa com segurança e conforto, economizando assim em deslocamentos ao trabalho, etc. Os abastados acumularam economias com gastos suspensos durante a Covid. O aumento da desigualdade da Covid continuará em qualquer recuperação. Fala-se cada vez mais de uma recuperação em forma de K, beneficiando os ricos às custas dos pobres, tanto dentro dos países como entre países mais ricos e mais pobres. Até mesmo o FMI recomenda sistemas tributários mais progressivos. A OCDE elaborou um “plano” para uma “revolução” no imposto corporativo visando 100 bilhões de dóla-

res, o que aumentaria a arrecadação de impostos corporativos em 4% - “se acordado”. Gita Gopinath, economista-chefe do FMI, adverte que o período de recuperação após a crise será “longo, desigual e incerto”. Espera-se que as economias avançadas sejam 4,7% menores até o final de 2021 do que o estimado no início de 2020. As economias emergentes poderão ser 8,1% menores. Isto se a pandemia for colocada sob controle em 2021. O FMI acrescenta que “estas recuperações desiguais pioram as perspectivas de convergência global dos níveis de renda”.

Tudo isso apesar das injeções monetárias no valor de 8,7 trilhões de dólares, o que fez o saldo financeiro do Banco Central crescer em 10% do PIB. Historicamente, os bancos centrais foram criados devido ao medo da inflação incontrolável precisamente para combater a liquidez excessiva. Da Segunda Guerra Mundial até 2008, o saldo do Sistema de Reservas dos EUA (Fed) variou entre 4% e 6% do PIB, mas em resposta à Grande Recessão (08-09), ele se elevou a 22% do PIB. Isto não levou a um crescimento da inflação porque, como já assinalamos anteriormente, as grandes somas de dinheiro bombeadas para o setor financeiro através do afrouxamento quantitativo foram esmagadoramente para a especulação, traduzindo-se em inflação de ativos, em vez de inflação de preços. Outro fator em jogo é a dinâmica deflacionária subjacente na economia mundial, trazida pelo excesso de produção e pela sobrecapacidade.

A distribuição desigual do aumento da oferta de dinheiro equilibra a inflação em algumas áreas com deflação em outras. Enquanto os trabalhadores sofreram demissões e perda de renda, os bilionários nos EUA ganharam 1 trilhão de dólares durante a pandemia. Pela falta de investimentos lucrativos na produção, não apenas as injeções monetárias, mas também uma grande parte dos estímulos fiscais foram para a especulação, expandindo ainda mais o capital fictício. Isso contribui para a atual festa nas bolsa de valores, com os índices subindo a novos patamares históricos, no meio de uma crise global. Enquanto milhões não podem pagar seu aluguel, os preços das casas estão subindo (EUA: 13% em dezembro comparado com o ano anterior), enquanto especuladores imobiliários competem com aqueles que aproveitam a oportunidade de taxas de juros muito baixas para comprar uma (segunda) casa. Os preços dos semicondutores, cobre (+25%) e outras commodities estão subindo.

Este equilíbrio pode, no entanto, virar, quando os lockdowns terminam e a economia começa a se recuperar. Embora não seja uma ameaça imediata, os próximos anos podem ver o retorno do fantasma da inflação. Na verdade, uma inflação limitada e controlada seria bem recebida pelos economistas burgueses, pois as montanhas da dívida desvalorizariam. Os bancos centrais nos EUA e na Grã-Bretanha (o BCE provavelmente seguirá) estão ajustando suas metas de inflação para serem mais flexíveis, indo para taxas mais altas do que os 2% que são considerados “saudáveis” porque isso corresponde ao potencial de crescimento esperado. Entretanto, a inflação elevada acarreta o perigo de desencadear explosões sociais, pois os salários dos trabalhadores não acompanham o aumento dos preços e o valor da poupança é corroído. A inflação é difícil de controlar, se ela subir acima dos níveis desejados, as taxas de juros teriam que ser aumentadas, o que comprometeria o refinanciamento das montanhas da dívida privada e pública, possivelmente provocando uma escalada nos aluguéis.

O keynesianismo pós-guerra acabou em estagflação, quando os gastos maciços do

Estado levaram ao aumento dos preços, mas não conseguiram impulsionar a economia saturada. A ilusão keynesiana que excluía a inflação enquanto não houver pleno emprego revelou-se incorreta, assim como o conceito clássico de que o desemprego e a inflação nunca podem aumentar simultaneamente. Os poderes que levaram ao “fim do keynesianismo pós-guerra”, principalmente a acumulação de excesso de capacidade, a superacumulação levando a uma falta de lucratividade e, como consequência, um desvio dos investimentos produtivos, bem como a acumulação de dívidas, também não foram superados pelo neoliberalismo. Embora as medidas keynesianas possam ganhar tempo, elas não estão oferecendo soluções para as contradições fundamentais subjacentes ao modo capitalista de produção.

Definitivamente, a ameaça de colapso financeiro não desapareceu. Economistas têm avisado, por anos, sobre a insustentabilidade das dívidas em diversos países. Antes da pandemia, quase 20% das empresas dos EUA eram companhias-zumbi, continuavam vivas por meio de empréstimos que são incapazes de saldar. Se elas colapsarem, isto pode provocar uma reação em cadeia irrefreável. As taxas de juros já estão baixas e, tal como foi demonstrado antes, os bancos centrais estão esgotando suas munições monetárias. O Instituto de Finanças afirma que a dívida global em relação ao PIB mundial cresceu em 10%, para 331%, no primeiro trimestre de 2020 – é o maior crescimento trimestral já registrado. A dívida pública, assim como as dívidas imobiliária e corporativa também estão crescendo em uma velocidade incrível.

O crescimento da dívida pública também provocou debates sobre o limite do endividamento, isto é, quando a capacidade de um país pagar dívidas é ultrapassada pelo montante de juros a se pagar, criando uma bola de neve na dívida. Estima-se que essa taxa de endividamento em relação ao PIB seja de 130% em média, mas é um valor que depende de taxas reais de juros e taxade crescimento. O Japão, por anos, mantém uma dívida pública que ultrapassa os 200% sem se tornar insustentável, enquanto a Grécia foi condenada a manter um superávit primário por décadas.

Daí o surgimento de ilusões como a ideia de que as economias podem superar a dívida sem necessitar de superávit orçamentário “desde que” as taxas de juros permaneçam menores que o crescimento econômico. É totalmente inconcebível que todas as principais potências econômicas resistiriam por um longo período e ao mesmo tempo à tentação de elevar as taxas de juros para um patamar acima do crescimento econômico real, seja para atrair mais influxos de capital ou para combater a inflação – ainda que esta não seja uma ameaça imediata. A partir do momento em que uma potência econômica seguir esse caminho, as outras farão o mesmo.

Alguns têm defendido variações da Teoria Monetária Moderna afirmando, basicamente, que governos podem criar dinheiro infinito a partir do nada, apoiados por bancos centrais que inflam seus balanços com taxas de juros em 0% por um período indefinido ou muito longo (100 anos). Trata-se de uma versão moderna e turbinada da “impressão de dinheiro”. Nas economias capitalistas, baseadas na propriedade privada e na venda do valor do trabalho em uma escala internacional, é uma utopia perigosa. Ela exigiria uma taxa de crescimento exponencial na produção de mercadorias e serviços para assegurar o influxo e a multiplicação de dinheiro, para prevenir uma explosão nas taxas de inflação. Moedas que não refletirem o valor real podem ser ex-

cluídas do comércio mundial, forçando seus países a dependerem exclusivamente de suas reservas cambiais.

Da ortodoxia fiscal ao ativismo fiscal

A Grande Depressão dos anos 1930 demonstrou que a política do “laissez faire” não funciona. A ideia de Adam Smith de que o interesse geral é melhor atendido quando cada um busca seu próprio interesse individual chegou em um beco sem saída. Por isso, Keynes defendeu uma abordagem anticíclica: governos devem gastar para sair das recessões e recuar quando se alcança a recuperação. Roosevelt aplicou essa abordagem para tentar salvar o capitalismo. Ele fracassou, não porque foi limitado, mas porque nenhuma das causas subjacentes da Grande Depressão foram enfrentadas. Foi por meio da revolução, guerra, destruição e correlação de forças que resultou disso tudo que o processo pensado por Keynes foi impulsionado para muito além do que ele jamais imaginou. A posição dominante do imperialismo estadunidense após a Segunda Guerra Mundial impondo o GATT [Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio] e o dólar como moeda de troca internacional combinado com a existência de um sistema alternativo sob a forma da caricatura stalinista do socialismo, bem como de luta de classes, levou ao surgimento dos Estados de Bem-Estar Social – nos países capitalistas avançados e algumas partes do mundo neocolonial – para se prevenir revoluções. O fim do boom pós-guerra(1973-75), estagflação e redução das taxas de lucro foram fatores que atingiram o keynesianismo pós-guerra da mesma forma que a Grande Depressão dos anos 1930 atingiu a política de “laissez faire”.

Neste cenário, o neoliberalismo não apareceu pronto e acabado de forma repentina. Apesar de, nos dias de hoje, as massas chilenas estarem jogando a constituição de Pinochet na vala, o seu golpe de 1973 criou a correlação de forças necessária para se experimentar, pela primeira vez, na vida real os conceitos desastrosos do monetarismo da Escola de Chicago. Em outros países, ocorreram enormes conflitos de classes por períodos de 5-10 anos antes da classe dominante ter a confiança e a força necessárias para impor o neoliberalismo como política dominante, terminando em derrotas estratégicas para a classe trabalhadora em países-chave, principalmente nos EUA e a Grã-Bretanha, logo fortalecida pelas possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias de TI e de comunicação, abrindo as portas para um desenvolvimento mais pronunciado do setor financeiro e expandindo as deslocalizações. Os resultados dos citados conflitos de classe não estavam garantidos de antemão, mas ocorriam porque estava claro que o keynesianismo pós-guerra alcançou seus limites e não oferecia saídas para as classes dominantes ou para a classe trabalhadora.

O monetarismo foi um importante pontapé inicial da política que mais tarde se tornaria conhecida como neoliberalismo. Em essência, o monetarismo entende que a oferta de dinheiro (ao invés da política fiscal) é a principal ferramenta de regulação econômica que pode ser realizada pelos bancos centrais de forma independente dos governos eleitos. Para o monetarismo a intervenção política na economia está sujeita às pressões em favor da igualdade econômica e da renda em detrimento da eficiência econômica. O controle da oferta de dinheiro, elemento essencial do monetarismo, tinha como objetivo estabilizar o valor da moeda e evitar a desvalorização do capital monetário, também im-

plicava menos investimento por parte do Estado e redução dos impostos das empresas. Na tentativa de superar o problema da superacumulação de capital, a classe capitalista procurou novas possibilidades de investimento lucrativo e formas de aumentar suas taxas de lucro. Isto significou ataques aos salários e condições de trabalho, bem como a abertura de mercados estrangeiros para exportar capital e mercadorias excedentes, e livre circulação de capital, especialmente capital financeiro. O neoliberalismo tomou forma com o avanço de políticas de desregulamentação, financeirização, liberalização e privatização. Ele foi fortalecido pelo processo de expansão da globalização acelerada que ocorreu após o colapso do stalinismo. Apesar de ser possível destacarmos algumas características básicas do neoliberalismo, este não deve ser compreendido como um conjunto fixo de normas, pois suas políticas evoluíram ao longo da história.

Na crise de 2007-2009, muitas das convicções do monetarismo e do neoliberalismo se mostraram inadequadas para evitar um colapso da economia. Em vez de se manter fora da economia, o Estado interveio maciçamente. Em vez de limitar o crescimento da oferta de dinheiro dentro de um corredor estreito em acordo com o crescimento esperado da economia, ele explodiu com a redução das taxas de juros dos bancos centrais e programas de compra de títulos do governo. Em vez de reduzir a dívida pública, ela foi impulsionada para novos níveis recordes. Estas medidas, que contradizem as ideias centrais do neoliberalismo, foram novamente aplicadas durante a crise atual, desta vez em uma escala qualitativamente maior. Hoje, apesar da crise de existência do neoliberalismo, a austeridade, aumento da flexibilização e certos elementos do liberalismo e da privatização estão longe de serem descartados. Também não foram descartados ataques à classe trabalhadora quando a luta de classes ameaçou os interesses e o poder da classe dominante durante o keynesianismo dos anos 30. Roosevelt combinou tais elementos com o investimento em gastos sociais, trabalhos de infraestrutura e criação de empregos para salvar o sistema. Mas nenhuma dessas medidas resolveu os problemas subjacentes da economia e, por isso, foram combinadas com uma repressão brutal às lutas da classe trabalhadora e uma maior concentração de capital, desta vez escolhendo vencedores ao invés da concentração “natural” que ocorre sob políticas de *laissez-faire*. A mudança para políticas que se afastam do neoliberalismo não significa que não existirão tentativas de colocar todo o fardo sobre a classe trabalhadora: apenas se tratará de uma austeridade nacional, ao invés de um regime internacional.

A Índia, por exemplo, lançou seu próprio pacote de estímulo fiscal de 20 bilhões de dólares, enquanto começou a aplicar uma agenda de privatização durante a pandemia. Existe uma proposta de elevação da idade para a aposentadoria no país. Porém, a experiência que a Grande Recessão tem demonstrado é que a política monetária não tem a munição necessária para combater uma depressão tão profunda como a atual. Carmen Reinhart, economista-chefe no Banco Mundial que uma década atrás era uma das principais defensoras da austeridade e da ortodoxia fiscal, recomenda que a contração massiva de empréstimos pelos países: “Primeiro devemos nos preocupar em lutar na guerra, depois descobrimos como pagar por ela”. O FMI estima que os países aumentaram os gastos e cortaram impostos em espantosos 11,7 trilhões de dólares, isto é, 12% do PIB global em 2020. Trata-se de muito mais do que o estímulo de 2% do PIB global que foi acordado pelo G-20 após a Grande Recessão. Isto fez com que Chris Gilles, editor econômico do Financial Times, chegasse à conclusão de que a ortodoxia fiscal

foi substituída pelo ativismo fiscal. Uma exceção importante quando comparamos este momento à crise anterior é a China. Esta “salvou o capitalismo global” com um pacote monstruoso de estímulos em 2009, mas desta vez ela está muito distante das outras potências econômicas. Isto ocorre por causa da montanha de dívidas que surgiu com o pacote anterior e que reduziu as opções políticas do regime chinês.

Movimentos tectônicos na política econômica

Acreditamos que tudo isso é parte de um movimento tectônico nas políticas econômicas dos capitalistas. Obviamente, de diversas maneiras, a situação que enfrentamos é singular. Isto, em uma organização democrática, resultará em questionamentos por clarificação, dúvidas e debates, tal como ocorreu no passado quando outros eventos singulares importantes ocorreram. É basilar para o método marxista se perguntar sobre as leis de desenvolvimento que estão em jogo na história humana para que seja possível compreender melhor os processos na medida em que eles se desenvolvem. O paralelo mais próximo da situação que vivemos hoje é o período que abrange a Grande Depressão dos anos 1930. Porém a mudança política que está ocorrendo não é o comando estatista do capitalismo nazista ou a planificação burocrática da economia no stalinismo. Também não são as medidas de “Estado de bem-estar social” após a segunda guerra mundial que se basearam na reconstrução pós-guerra, a renovação da infraestrutura e da capacidade de produção se deslocando para a produção em massa generalizada, o domínio particular do imperialismo estadunidense como resultado da guerra o colocando em posição de impor o GATT, o dólar como moeda de troca internacional e de lançar o Plano Marshall, a existência de um sistema alternativo no bloco liderado pela União Soviética e a radicalização de trabalhadores como resultado da guerra, parcialmente expressa no movimento de trabalhadores organizados. Há similaridades com os métodos de tipo keynesiano e de intervenção estatal que foram aplicados nos anos 1930. Certamente, toda comparação é limitada e um olhar cuidadoso revelará muitas diferenças.

As políticas atuais terão vida curta? O neoliberalismo será retomado após uma breve interrupção, tal como ocorreu logo após a Grande Recessão? A imposição de medidas duras de austeridade na economia não estão excluídas. Porém, neste momento, não está entre o que predomina nos círculos dominantes. Tudo será aplicado de forma linear? Não, veremos viradas e giros ou a aplicação com métodos diferentes nos diversos países e regiões do mundo. Mas apesar de todas as diferenças, a tendência dominante na economia mundial será a intensificação da intervenção estatal, política e financeira, dando menos peso para o clássico dogma “neoliberal” de corte nos déficits. O capitalismo está em um estado de multimorbidade, uma condição em que várias doenças afetam um corpo ao mesmo tempo. A propensão a crises da economia capitalista é a causa raiz de crises cada vez maiores de legitimidade política e estabilidade, ecologia e saúde, resultando em uma das crises globais mais profundas da história do capitalismo. Os economistas e políticos burgueses estão desorientados em sua busca desesperada por uma saída. O déficit federal dos EUA chegou a US\$3,13 trilhões neste ano, 15,2% do PIB, isto é mais do que o triplo do que em 2019 e o maior desde a II Guerra Mundial. A dívida pública superou o tamanho da economia e alcançou o maior patamar desde 1946. Mesmo assim, o presidente do Fed (Banco Central nos EUA), Jerome Powell, afirmou “que este não é o momento de priorizar essas preocupações”. Ele entende que “o ris-

co de cometer excessos menor do que o risco de não fazer o suficiente”. O semanário Newsweek pediu para que 12 experts econômicos apresentassem conselhos ao próximo presidente dos EUA. A palavra mais repetida foi “gastar” ou, tal como um deles afirmou: “dinheiro, muito dinheiro”. A caixa de ferramentas da burguesia provou ser inadequada para resolver a crise 2008-2009 - a atual geração massiva de crédito e criação de dinheiro irá provocar mais problemas no futuro.

O bloco de 19 países da Zona do Euro está caminhando para um déficit orçamentário combinado de um trilhão de euros, 8,9% do PIB do bloco - é 10 vezes maior do que em 2019. Mas Christine Lagarde, presidente do BCE (Banco Central Europeu) afirma que “está claro que tanto o auxílio fiscal e o apoio à política monetária precisam continuar enquanto for necessário e deve-se evitar que ocorram ‘efeitos precipício’ [onde um pequeno passo errado pode levar a uma queda brusca]”. Marco Valli do UniCredit defendeu “manter todos os gastos necessários para apoiar as economias e reduzir (...) danos de longo prazo”. Por causa dos problemas de origem inerentes à União Europeia - ela mesma uma consequência da incapacidade do capitalismo superar as limitações do Estado-nação - tais mensagens tendem a cair sobre ouvidos surdos. O histórico “pacote de resiliência e recuperação” no valor de 750 bilhões de euros, compartilhando parcialmente os esforços por recuperação, ainda está “em discussão”, tal como o orçamento da União Europeia. A Alemanha já anunciou o plano de reduzir seu déficit orçamentário em 2021 em 4,25% do PIB, enquanto a França também planeja reduzir seu déficit. Porém, existem debates no governo alemão sobre como contornar ou mesmo descartar o “freio da dívida” [teto de endividamento] que existe na constituição alemã, esses limites ainda afetam toda a União Europeia. Isto pode ser provocado pela dívida pública da zona do euro crescendo em 15%, alcançando a projeção de 100% da PIB total da união no fim de 2020.

Em setembro, a previsão de recuperação de 3% no último trimestre do ano realizada pelo BCE, intensificou rapidamente o debate sobre acabar com o “Programa Aquisições Emergencial para a Pandemia” (Pandemic Emergency Purchase Program). O programa, na realidade, contorna normas que proíbem o financiamento direto de governos. O Banco Central Europeu chegou, até mesmo, a comprar títulos do governo grego. Porém, por causa da retomada do vírus, é mais provável que ocorra uma recaída na recessão (desde então, a estimativa do crescimento no quarto trimestre foi revisado para -2,3%). Como resultado disso a expectativa é que o BCE empurre ainda mais com a barriga e reforce o programa de compras de títulos com 500 bilhões de euros em dezembro. Porém, isto não significa que as contradições nacionais duradouras do continente serão superadas.

A depressão alimenta as tendências centrífugas - dentro dos países existentes, mas ainda mais dentro da UE como um todo, que pode entrar em novas crises semelhantes às que vimos na década de 2010. O acordo comercial acordado entre o Reino Unido e a UE, que significou a conclusão do Brexit, não resolve fundamentalmente nenhuma das questões-chave que atrasaram as negociações durante 4,5 anos. É provável que ocorram confrontos diplomáticos e econômicos frequentes. Enquanto o Reino Unido saiu pior, a UE sem dúvida foi enfraquecida - e estará preocupada com um ressurgimento do sentimento anti-UE em outros estados membros (onde este tinha diminuído parcialmente), particularmente devido ao fraco desempenho da UE na distribuição de vacinas, inclusive em comparação com a Grã-Bretanha. A discussão sobre a exportação

da vacina AstraZeneca mostra como o acordo era tênue - com ambos os lados prontos para jogar fora elementos dele quando lhes convém. Dentro de cinco semanas após a assinatura do acordo, a UE ignorantemente ameaçou acionar o Artigo 16, as chamadas salvaguardas que podem levar à anulação do protocolo da Irlanda do Norte e levantar novamente a perspectiva de uma fronteira entre o Norte e o Sul da Irlanda. Isto aumentou a tensão sectária no contexto em que o protocolo é visto por uma grande parte da população protestante como sendo um passo significativo em direção a uma “Irlanda unida economicamente”. Já vimos ameaças contra funcionários portuários e uma campanha dos “unionistas” para que o governo britânico acionasse o Artigo 16. Ao lado de processos mais amplos, isto levanta um ponto de interrogação sobre se o “processo de paz” da Irlanda do Norte pode continuar em sua forma atual. Por exemplo, o protocolo deve ser votado na assembleia da Irlanda do Norte a cada quatro anos, o que manterá a questão viva e discutida. Colisões similares podem ocorrer a qualquer momento em relação ao comércio, auxílios estatais e pesca.

Um período de transição para uma “era da desordem”

O FMI, ou qualquer outro grande organismo internacional, assim como os grandes formadores de opinião, neste momento, não defendem o abandono rápido do auxílio fiscal. Não é algo desejado ou realista. Tal como a Grande Depressão dos anos 1930 ou a “crise do petróleo” de 1973-75, a depressão atual está demonstrando que a política dominante das últimas décadas alcançou seus limites. A sua manutenção resultará apenas em maiores desastres. Tal como sempre ocorre, o Estado é chamado para salvar o sistema por meio de reformas ou, utilizando a linguagem do FMI, “para apoiar ajustes”. Porém, estes serão imensos. A pandemia e a depressão que ela desencadeou resultará em economias menos globalizadas, mais virtualizadas e mais desiguais. O trabalho remoto em casa para trabalhadores de escritório continuará, no mínimo, de forma parcial. Muitos trabalhadores de setores que encolheram ficarão permanentemente desempregados. Períodos de transição como este são inerentemente instáveis e combinam elementos novos com aqueles que já existiam no período anterior. Para marxistas, o fundamental é compreender a direção e como os processos evoluem.

Antes de uma nova época tomar uma forma estável, há tentativas e erros, testagem das correlações de forças, guerras ou guerras de procuração e, em última instância, guerras de classe cujos resultados não estão predeterminados. Isso se manifesta em um relatório que foi publicado pelo Deutsche Bank (banco multinacional de investimentos na Alemanha), no qual se anuncia o fim de quatro décadas de globalização e o início de uma nova “Era de desordem”. Mais adiante, o presente documento aborda as tensões imperialistas que marcam a nova e diferente “guerra fria” que surge com a desglobalização, o desmoronamento das instituições internacionais, as guerras econômicas e o protecionismo econômico. Por enquanto, basta afirmar que tudo isso foi impulsionado enormemente pela pandemia e pela depressão econômica.

A China interrompeu o lockdown e retomou a economia, enquanto os seus principais rivais ainda sofrem com a pandemia. Isto criou pânico na classe dominante dos EUA, a qual teme por sua fatia no mercado global. Ao mesmo tempo, dada a disputa econômica e geopolítica com o Ocidente, o regime chinês está recorrendo, sem dúvida alguma, à

“contabilidade criativa” maquiando seus dados econômicos ainda mais do que antes. Existem fortes fundamentos para questionar a credibilidade dos dados trimestrais do PIB na China. Por exemplo, no primeiro trimestre (-6,8%), provavelmente há uma subestimação significativa, enquanto no terceiro trimestre (+4,9%) há um provável exagero. A posição de Xi Jinping, o qual está sendo ainda mais pressionado por uma retomada na luta por poder no regime interno, também reforça a tentação de se manipular os dados econômicos.

A limitada recuperação da China foi estimulada por medidas apoiadas pelo Estado de gastos com infraestrutura, pela forte demanda de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e instrumentos para trabalho remoto residencial. O investimento imobiliário cresceu 5,6%. Um elemento fundamental inexistente na recuperação é a demanda de consumo. De acordo com a agência de dados estatísticos da China, os gastos com consumo per capita caíram 6,6% nos primeiros nove meses de 2020. Apesar de existir uma recuperação parcial no consumo desde setembro, trata-se de algo impulsionado especialmente pelos gastos de chineses ricos com mercadorias de luxo e férias, enquanto a população mais pobre ainda sofre com perda de empregos e redução de renda provocadas pela pandemia. Uma estimativa demonstra que 60% dos lares mais pobres perderam aproximadamente US\$200 bilhões em renda na primeira metade do ano. Algo crucial como o investimento em ativos fixos, segundo os dados oficiais, cresceu meramente 0,8% nos primeiros nove meses de 2020, um dado que provavelmente foi falsificado e, na realidade, deve ter sido negativo. Com o consumo e o investimento em patamares mínimos durante o terceiro trimestre, “a mudança no PIB deve ter sido mais próximo de uma queda de 5% e não de aumento de 5%”, de acordo com Derek Scissors, economista chefe do China Beige Book situado em Nova Iorque. Isto é extremamente importante para a China, já que sua economia está há anos lutando contra a chamada “armadilha da renda média”, termo que descreve países que passaram por um crescimento rápido, mas que não conseguem alcançar a renda das principais economias e, assim, ficam travadas.

Ainda que a economia chinesa possa evitar as enormes quedas no PIB previstas para a maioria dos países capitalistas mais antigos, o país ainda enfrenta pressões sem precedentes com o pior PIB desde o último ano do governo de Mao Zedong. A renovação da competição feroz por mercados globais e fontes de crescimento inflamarão ainda mais as tensões entre China e EUA. Significativamente, pela primeira vez na história, o novo “Plano Quinquenal” (2021-25) do regime não estipula metas anuais de crescimento no PIB. Isto demonstra a elevação no nível de incerteza e cautela nos círculos dominantes. Possivelmente, uma meta para o PIB será inserida quando o plano for carimbado pelo Congresso Popular Nacional em março, mas não é algo dado. Em outros aspectos, o novo plano é notável por apresentar um mal disfarçado modelo de “economia de Guerra Fria” para resistir à pressão econômica do imperialismo dos EUA, no qual se prioriza o crescimento do consumo interno e a aceleração da criação de uma base tecnológica mais forte (estes seriam os traços fundamentais da estratégia de “dupla circulação” de Xi Jinping). Tal como comentou um oficial chinês envolvido na preparação do plano, “30% dele resulta de fatores dos EUA”. Pela primeira vez, o plano inclui uma seção sobre a modernização das forças armadas da China.

Mudanças na política não resolverão causas profundas

A mudança nas políticas não solucionarão as diversas fragilidades e contradições subjacentes do capitalismo. Há muito, as forças produtivas ultrapassaram as relações de produção e propriedade do modo de produção capitalista – estas deixaram de ser um freio relativo ao desenvolvimento e se tornaram um grilhão absoluto. Há muito tempo o desenvolvimento produtivo alcançou um estágio que exige planificação democrática, cooperação e trocas internacionais, propriedade e controle públicos de recursos, mas tudo isso é impossibilitado pela sede por lucro do sistema. Apesar do investimento público em infraestrutura e pesquisa, tal como foi proposto pelo FMI e diversos economistas, ser ansiado pela classe trabalhadora, isto não é o suficiente para amortecer o colapso. A medida também não enfrenta a crise de rentabilidade que se relaciona com a superacumulação e não criará um boom de investimento privado.

A desacoplamento e a desglobalização se acelerarão ainda mais. O Relatório de Investimento Mundial da UNCTAD de janeiro de 2021 diz que o investimento estrangeiro direto (IED) global entrou em colapso em 2020, caindo 42% de US\$ 1,5 trilhão em 2019 para uma estimativa de US\$ 859 bilhões. Isto leva o IED a um nível visto pela última vez nos anos 1990. O colapso é muito maior nos países desenvolvidos do que nos países em desenvolvimento. Está mais de 30% abaixo da Grande Recessão de 2008/9. Embora deva ser dito que a extrema escala do declínio se deve à pandemia, a UNCTAD espera que os fluxos globais de IED permaneçam fracos ao longo de 2021, não se iniciando a recuperação antes de 2022. Entre 2002-2011, o volume do comércio mundial com um crescimento médio anual de 5,7% foi um contribuinte líquido para a produção mundial, que cresceu em média 4,1%. Desde então, o comércio mundial se tornou um fardo para a produção mundial. Em outubro de 2020, o FMI esperava que o comércio mundial para todo o ano se contraísse em -10,4%, o Banco Mundial estimou em janeiro de 2021 que a queda seria -9,5%. Dependendo da pandemia, a maioria dos analistas estima uma retomada de 5 a 8% do comércio mundial para 2021 quando as economias começarem a se abrir, o que não compensará as perdas, e há muitos fatores que podem puxar o resultado para baixo.

Enquanto o capitalismo existir, qualquer política aplicada sempre beneficiará os ricos em detrimento dos pobres. Tal como um de nossos companheiros nigerianos destacou recentemente: quando o preço do petróleo bruto se eleva, há uma elevação nos preços de energia elétrica e combustível; mas quando o preço do petróleo bruto cai, o lucro pela venda do petróleo é menor (pois as refinarias nigerianas deixaram de funcionar há mais de uma década e o país precisa importar o petróleo refinado) e isto resulta em um aumento nos preços de combustíveis e energia elétrica. Enquanto isso, a Seplat Petroleum, a maior companhia petrolífera da Nigéria, pagou um dividendo para os seus acionistas equivalente a 132% dos lucros na primeira metade de 2020.

Em uma escala global, a extensão da forma como as companhias distribuem seus ganhos para acionistas por meio de dividendos e recompra de ações é sem precedentes. Entre 2010 e 2019, empresas listadas no índice S&P 500 distribuíram em média 90% de seus lucros aos acionistas. A Oxfam revelou que as 25 corporações globais mais lucrativas no Index Global S&P planejam pagar 124% de seus lucros líquidos para seus acionistas em 2020, em contraste com os 103% que foram pagos no ano que antecedeu a pandemia.

No Programa de Transição, Trotsky mostrou que o “New Deal” só foi possível em um país (os EUA), em que a burguesia conseguia acumular uma riqueza incalculável. Em muitos países mais pobres, nada do tipo pode ser imaginado implementado de forma abrangente. Não obstante, em alguns destes países, há desvios limitados do receituário neoliberal especialmente onde a burguesia sente ou teme a pressão dos movimentos de massa. Por exemplo, há o novo pacote de estímulos de Modi na Índia, apresentado em outubro para estimular a demanda de consumo e incrementar gastos públicos em projetos de infraestrutura, ou o pacote de auxílio emergencial mensal do governo brasileiro que tem realizado pagamentos para 67 milhões de famílias pobres desde abril. Esta política foi um fator importante no crescimento da popularidade de Bolsonaro durante o segundo semestre de 2020, apesar de sua administração desastrosa em relação à pandemia. Atualmente, sua popularidade caiu novamente devido à combinação do agravamento da crise sanitária e do fim do auxílio emergencial. O governo está sob pressão para encontrar uma maneira de manter algum auxílio emergencial aos mais pobres, apesar dos efeitos sobre os gastos públicos e das restrições constitucionais impostas aos gastos públicos.

De acordo com o FMI, quase metade das economias de baixa renda enfrentam o perigo de não poder pagar a dívida. A maior parte delas está em uma situação muito pior do que aquela que existia na Grande Recessão de 2008-09. A maior parte dessas dívidas está em dólares, cujo valor cresce de forma irrefreável, ampliando o fardo do pagamento. Uma moratória da dívida foi aprovada pelo G-20 e ela termina no final de 2020. Os líderes do FMI e do Banco Mundial estão fazendo discursos eloquentes e ofertando financiamentos emergenciais para 80 países, mas que estão ligados à aplicação de medidas de austeridade “mais duras, rápidas e amplas”, tal como a Rede Europeia sobre a Dívida e o Desenvolvimento (“Eurodad”) descreveu. Em 59 destes países, nos próximos três anos, a austeridade prescrita pelo FMI será 4,8 vezes maior do que o montante gasto nos pacotes de enfrentamento à Covid-19 em 2020. Impostos indiretos [sobre consumo] que impactam mais duramente os pobres aumentarão em, pelo menos, 40 países. O desmantelamento dos serviços públicos constitui três quartos do total de cortes ameaçados. Mesmo assim, em 2023, 56 dos 80 países terminarão com dívidas ainda mais elevadas. Ao mesmo tempo em que vemos elementos de protecionismo na maioria dos países capitalistas avançados, veremos mais pressões para abrir ainda mais os países neocoloniais para o imperialismo, incrementando a exploração e a destruição do ecossistema, assim como produzindo ainda mais refugiados. Como a China tem se tornado um grande credor, a renegociação de dívidas será misturada com competição interimperialista e será complexa, tal como foi demonstrado no caso da Zâmbia. Somente o cancelamento da dívida pode prevenir outra década perdida naqueles países. Os efeitos políticos deste pesadelo sem fim para as massas se apresentam, no período atual de revolta em todos os continentes, lutas de uma escala ainda maior e a ascensão de forças e figuras políticas de esquerda-nacionalista, populista, ‘antineoliberalista’ e esquerda-populista, apesar dos perigos de reação em diferentes formas, tais como golpes militares, populismo de direita e confrontos religiosos e étnicos.

O conflito EUA/China

O conflito entre o crescente imperialismo chinês e o dominante imperialista estaduni-

dense em declínio não é apenas o resultado de eventos episódicos como a ascensão de Donald Trump e irá continuar num futuro previsível.

Mas os anos Trump foram certamente um ponto de inflexão. O agravamento das tensões reflete-se numa retórica inflamada. O Secretário de Estado Mike Pompeo fala sobre os EUA se defenderem da “tirania” do Partido Comunista Chinês. Declarou ainda em julho que, “se não agirmos agora, o [PCC] acabará por corroer as nossas liberdades e subverter a ordem baseada em regras que as nossas sociedades livres tanto se esforçaram por alcançar...O velho paradigma do envolvimento cego com a China simplesmente não dará resultados. Não o devemos continuar. Não devemos voltar a ele”. A retórica dos EUA é igualada por aquela que vem de diplomatas chineses “lobos de guerra”. Recentemente Xi Jinping usou o 70º aniversário da entrada da China na Guerra da Coreia para atizar o nacionalismo antiestadunidense: “O povo chinês tem uma profunda compreensão de que, ao responder aos invasores, é preciso falar com eles numa língua que eles compreendam”.

Enquanto isso, todos falam sobre a Nova Guerra Fria. É importante afirmar que a causa da Nova Guerra Fria é completamente diferente da causa da Guerra Fria que existia antes do colapso do stalinismo. Na época, eram os principais países capitalistas que lutavam juntos contra um sistema não capitalista. A Nova Guerra Fria reflete uma mudança mais ampla na classe dominante dos Estados Unidos. Significativamente, os democratas não se opuseram à política geral do governo Trump.

Este é agora um conflito de amplo espectro, exacerbado pela pandemia global e pelo início da depressão econômica global. A guerra comercial é importante, mas neste momento não é a questão-chave. O aumento dos custos e riscos de fazer negócios na China, bem como a pressão do regime Trump, está levando a uma aceleração do “desacoplamento” das economias dos EUA e da China. Este é um processo que na realidade começou há 12-15 anos, com os fabricantes começando a deixar a China para outros países do sudeste asiático devido ao aumento dos custos de produção. Dada a complexidade da inter-relação econômica entre os dois países, um desacoplamento mais completo levará muitos anos, mas esta é a tendência da evolução.

A Câmara de Comércio dos EUA informa que nos últimos dois anos cerca de 40% das empresas estadunidenses mudaram ou estão considerando mudar suas instalações de fábricas para fora da China. A Câmara de Comércio relata também que apenas 28% das suas empresas membros irão aumentar os investimentos na China este ano, contra 81% em 2016.

No entanto, não são apenas os EUA, mas outros aliados como o Japão e Taiwan que estão exortando suas corporações a sair da China. O Japão pagou 87 empresas para mudar a produção (Washington Post, 21 de Julho).

Cada vez mais as grandes empresas estadunidenses estão sendo forçadas a alinhar-se aos interesses mais amplos do imperialismo estadunidense: para citar Ben Simpfendorfer, chefe executivo da Silk Road Associates, “Se você fornece ao Google ou ao Facebook, precisa mostrar que não é um produto da China”. Além disso, uma série de novos regulamentos financeiros está aparecendo à medida que os governos ocidentais se movem para bloquear os investimentos chineses, as aquisições de empresas e impedir os fundos de pensões e outras instituições financeiras de investir em ações chinesas. No

final de 2021, mais de 200 empresas chinesas listadas em Wall Street serão obrigadas a cumprir as regras contabilísticas dos EUA, o que poderá desencadear uma onda de deslistagem chinesas. Esta incipiente “guerra financeira” é a principal força motriz dos esforços do regime chinês para estabelecer uma moeda digital como meio de contornar o sistema de pagamento global baseado no dólar, o que confere aos EUA uma posição de poder única.

Outra característica importante do conflito entre as duas potências é a luta pelo domínio da tecnologia 5G, que se centrou na Huawei. É muito marcante como, apesar da abordagem tosca da administração Trump, ele conseguiu que a Grã-Bretanha expulsasse a Huawei, bem como a Austrália e a Índia. A França também impôs restrições que equivalem virtualmente a proibições. Mais recentemente, a Suécia aderiu a agora bastante longa lista de países europeus que proíbem ou restringem severamente o Huawei. A Alemanha, entretanto, com laços muito estreitos com a China, parece estar contrariando esta tendência por enquanto. O banimento da Huawei marca “um golpe mortal para a empresa tecnológica mais importante da China”, segundo o Eurasia Group, é o maior revés sofrido pelo regime chinês no decurso do atual conflito. Embora uma administração Biden possa rever alguns aspectos da proibição da Huawei, é muito improvável que a política seja revertida devido à sua natureza estratégica, com as tecnologias avançadas tornando-se o principal campo de batalha entre as potências imperialistas.

Este alinhamento com a posição dos EUA não se deveu, contudo, principalmente à pressão ou persuasão de Trump, mas reflete que outras potências-chave estão, por suas próprias razões, concluindo que o crescimento da China representa também uma ameaça a seus interesses. Elas assistiram à propagação da Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI) da China, à sua acumulação militar e à sua implacável pressão diplomática, com crescente preocupação. Os chineses, embora também precisem de exportar a sua capacidade industrial excedente, estão claramente utilizando o BRI para desenvolver um bloco de países que estão dependentes/alinhados com eles neste conflito global por hegemonia.

A China, os Estados Unidos e outras potências competem para desenvolver e proteger novas tecnologias. Esta competição não é apenas em 5G, mas também em semicondutores, inteligência artificial (IA), “big data” (“megadados”) e computação quântica e outras áreas. Isto significa uma crescente intervenção estatal. Podemos ver isto na corrida para desenvolver vacinas contra o Covid-19 com os EUA, China e Rússia, todos usando descaradamente os seus setores farmacêuticos para promover os interesses nacionais. Uma forma obscura deste conflito se ter desenvolvido numa luta cada vez mais intensa sobre as normas técnicas globais oficiais. Isto pode levar, em alguns casos, a tecnologias paralelas que literalmente são incompatíveis. Estas tecnologias conflituosas e os processos de produção que as acompanham só funcionariam então dentro de certas zonas da economia global.

Tudo isso aponta para a ruptura parcial de uma cadeia de produção global integrada e uma tendência para sua substituição por cadeias de produção regionais expandidas, a maior da Ásia Oriental, outra da América do Norte e a terceira centrada na Alemanha e no Leste Europeu. O presidente da gigante indústria de Taiwan Foxconn, Young Liu, declarou recentemente, “o modelo passado onde [a produção] está concentrada em al-

guns países como uma fábrica mundial deixará de existir... O que pensamos ser mais provável no futuro são redes de produção regionais”.

Há características deste processo na criação da Parceria Regional Econômica Abrangente (RCEP) de 15 membros, lançada em novembro após oito anos de negociações, no âmbito da qual a China é a força motriz. A criação da RCEP como “o maior acordo comercial do mundo” em termos geográficos, é sem dúvida uma vitória diplomática para o regime chinês no contexto da guerra comercial dos EUA e do crescente isolamento político da China durante a atual crise. Mas em termos econômicos, a RCEP é bastante “superficial” e “limitada”, de acordo com comentaristas econômicos. É um bloco comercial muito menos avançado do que a União Europeia (UE) ou USMCA (anteriormente NAFTA), porque era o máximo que se podia alcançar nas condições prevalecentes. A Índia, terceira maior economia da Ásia, retirou-se do processo RCEP em 2019. O lançamento do RCEP pode levar os EUA, sob a égide de Biden, a dar um novo impulso à adesão ao Acordo Global e Progressivo para a Parceria Trans-Pacífica (anteriormente conhecido como TPP), do qual Trump se retirou em 2017, e que é um bloco econômico capitalista muito mais profundo, concebido especificamente para excluir a China.

A regionalização da economia mundial nos moldes atuais tem a lógica de tentar aumentar o nível de exploração dentro desses blocos regionais, à medida que os capitalistas tentam compensar o impacto da fragmentação da economia mundial. Isto significa tentativas de aumentar a exploração de potências menores por potências maiores e da classe trabalhadora em geral, como vemos, por exemplo, nas divisões norte-sul dentro da UE e os ataques de austeridade em todos os países europeus durante os últimos 10 anos, mais acentuadamente nos países mediterrâneos. No entanto, isto tem limites políticos, tanto em termos de confrontos entre os próprios capitalistas quanto em termos de resistência da classe trabalhadora. Vimos isto na UE entre os governos alemão e aliados contra não apenas a Grécia, mas os governos italiano, francês e britânico, e os movimentos da classe trabalhadora talvez mais notadamente na França durante e após o movimento dos Coletes Amarelos. Vemos isto também nas tensões dentro do NAFTA (agora USMCA) entre os EUA e o México, na eleição da AMLO para presidente mexicano e nas lutas que isto desencadeou inclusive nas fábricas de maquiladores por salários mais altos, sendo a prevalência das fábricas de maquiladores uma consequência direta da intensificação da exploração que o Nafta foi projetado para proporcionar. O que é verdade para a UE e o NAFTA será igualmente verdade, talvez mais ainda, para a RCEP. É fácil ver como os conflitos entre os governos e as classes capitalistas da região podem se desenvolver, e também como a luta nos principais países do RCEP, como a Indonésia, poderia colocar limites políticos sobre até que ponto o acordo do RCEP pode realmente ser implementado.

Acelerando a desglobalização

Isto representa um deslocamento sério do modelo de globalização neoliberal que se baseava no livre fluxo de capital, comércio e trabalho. É importante enfatizar novamente que não estamos dizendo que a globalização será completamente revertida. A tendência para o desenvolvimento da economia global tem sido uma característica do capitalismo desde os seus primórdios com o surgimento de impérios comerciais. Mas não tem sido

um processo constante, avançando sempre em frente. A globalização atingiu um nível muito alto no início do fim do século XIX, seguido por um longo período de desglobalização efetiva após a Primeira Guerra Mundial, culminando com o altíssimo nível de protecionismo na década de 1930, que não voltaria a atingir durante quase cem anos.

O protecionismo e colapso da “ordem global” atingiu o seu auge na década de 1930. Esta reafirmação do Estado-nação refletiu a decadência terminal do sistema capitalista no período entre guerras, que foi temporariamente invertida após a Segunda Guerra Mundial devido a uma série de fatores excepcionais. Desde 2008, o capitalismo entrou novamente numa fase de crise avançada. O processo de desglobalização quase certamente não irá tão longe desta vez como na década de 1930, mas já está em processo de reformular radicalmente as relações mundiais.

Os EUA e a China, de principais motores da globalização, são agora os principais motores da desglobalização. Isto reflete-se no crescimento do protecionismo, na crescente intervenção do Estado na economia e na tendência para quebrar as cadeias de produção global integradas.

O capitalismo mundial está tomado por uma contradição. A produção e o comércio capitalistas são em escala mundial, mas politicamente o sistema está preso dentro das fronteiras do Estado-nação. Nas últimas décadas, esta contradição poderia ser parcialmente superada devido ao crescimento geral dos mercados mundiais de bens, serviços e capital (não menos importante, ativos financeiros). A globalização foi cada vez mais longe porque a classe capitalista em praticamente todos os países se beneficiou com ela. Agora a situação se desenvolve em uma direção diferente: o bolo mundial não está mais crescendo, mas encolhendo. Garantir lucros é cada vez mais possível apenas às custas de outros.

Há a necessidade de utilizar uma massa de capital sempre crescente de forma lucrativa, o que significa investir o capital e vender os produtos no exterior. O capitalismo não pode recuar quatro ou cinco décadas, quando o comércio mundial e especialmente a exportação de capital ainda era baixa em comparação com os dias de hoje.

Portanto, haverá novos acordos comerciais, a formação de novos blocos, mais intercâmbio em nível bilionários-, multilateral e regional e, ao mesmo tempo, uma tendência a desacoplamento e desglobalização em nível mundial.

Crescentes tensões militares

A dimensão militar do conflito EUA/China também se acentuou com os mares do Sul e Leste da China e Taiwan como pontos-chave do conflito. O Mar do Sul da China contém grandes reservas de pesca, bem como reservas de petróleo e gás, mas a maior questão é que este é um ponto de controle estratégico. Quem controla o Mar do Sul da China controla o Pacífico Ocidental e a China está desafiando agressivamente o domínio militar dos EUA nesta região.

A China tem procurado criar fatos no terreno ao longo da “linha de nove traços” que afirma definir as suas águas territoriais, construindo infraestruturas militares em vários pequenos atóis. Os chineses também construíram a maior marinha do mundo, mas o país ainda é militarmente muito mais fraco em geral do que os EUA. A teoria chinesa

parece ser que os EUA têm de cobrir um terreno muito maior, enquanto eles podem concentrar as suas forças no Pacífico Ocidental. Embora a China tenha tido algum sucesso no desenvolvimento da sua presença no Mar do Sul da China, veio à custa de antagonizar cada vez mais com outros países da região que reclamam partes das mesmas águas e empurrar estes países para mais perto dos EUA. As Filipinas, por exemplo, depois de se ter aproximado da China sob o presidente Rodrigo Duterte e de ameaçar cancelar uma série de acordos militares com os EUA, inverteram agora sua posição e permitiram que os estadunidenses regressassem.

O outro ponto de inflamação é Taiwan, que o PCC e o nacionalismo chinês nunca aceitarão como um estado “independente” a ser cooptado para um bloco ocidental ou “anti-China”. Os EUA estão agora impulsionando mais agressivamente sua relação com Taiwan com a visita oficial ao mais alto nível em décadas no início deste ano. Houve até especulações de que Trump poderia estar planejando uma visita antes de pegar Covid. A força aérea chinesa adotou uma postura cada vez mais agressiva com incursões regulares dos seus aviões de caça no espaço aéreo de Taiwan.

O Mar do Sul da China ou Taiwan podem ver a guerra fria tornar-se “quente”, como já aconteceu na fronteira entre a Índia e a China, nos Himalaias. Como temos repetidamente enfatizado, a probabilidade de uma guerra em larga escala entre os EUA e a China ou a China e a Índia é muito baixa devido aos seus arsenais nucleares, mas mesmo uma “pequena” guerra seria muito perigosa e teria enormes implicações. Poderia também provocar um enorme movimento antiguerra a nível internacional.

Conflito exacerba as contradições

A China sofreu alguns reveses, por exemplo no 5G, e está mais isolada do que há um ano atrás no palco global. O prestígio do regime do PCC foi significativamente prejudicado pela sua incapacidade criminoso de conter o surto de coronavírus no início e o seu subsequente encobrimento. Mas após um lockdown brutal, a China conseguiu conter o vírus em grande parte, fazendo um contraste dramático com os “Países Capitalistas Avançados” na Europa e nos EUA. A economia chinesa é a única grande economia global que pode ter um crescimento positivo, embora fraco, este ano e o regime está agora usando agressivamente a “diplomacia da vacina” no Sudeste Asiático e noutras partes do mundo neocolonial.

O nosso material fez notar que, embora o conflito entre o crescente imperialismo chinês e o imperialismo estadunidense em declínio seja inevitável, ele também tende a enfraquecer ambas as potências. Aspectos do conflito são impulsionados pelo desejo de desviar dos problemas internos, como Trump fez com referências constantes ao “vírus da China”. A retórica do regime chinês visa também distrair a população e culpar os surtos de protesto social, incluindo as lutas de trabalhadores, por obra de “forças estrangeiras”. Mas em ambos os casos, o nacionalismo pode criar uma pressão perigosa para ir mais longe nas provocações.

A ditadura do PCC teme profundamente os protestos e processos revolucionários e existem divisões agudas dentro da liderança do PCC sobre como proceder a partir daqui, com uma ala que se opõe a Xi, procurando desescalar o conflito com os EUA. A natureza cada vez mais brutal da ditadura (em Hong Kong, em relação às minorias nacionais em

Xinjiang e na Mongólia Interior), bem como o conflito com os EUA, são tanto uma fonte como um resultado do nacionalismo supremacista han.

Nos EUA tem havido uma polarização política maciça, um certo ressurgimento do movimento de trabalhadores e uma enorme onda de protestos contra o racismo estrutural. Trump usa o nacionalismo para mobilizar sua base, mas isto pode tornar-se ainda mais pronunciado nos próximos anos à medida que a crise social e econômica interna se agrava nos EUA e a classe dominante procura anular a luta social. Na China, embora estes processos sejam muito menos visíveis devido aos controles totalitários sem precedentes em vigor, está ocorrendo uma enorme radicalização, especialmente da juventude. Uma expressão disto é o grande crescimento no apoio ao “maoísmo”, mas com diferenças cruciais em comparação com o passado. Muitos dos jovens maoístas chineses (um termo genérico na China) são radicalmente diferentes da “norma” maoísta noutros países, na medida em que não dão qualquer apoio à ditadura chinesa e ao capitalismo chinês.

Outras tensões interimperialistas

Uma característica crescente das relações mundiais é o aguçamento dos conflitos interimperialistas tanto entre as grandes potências imperialistas como entre as potências imperialistas regionais. O conflito entre os EUA e a China é apenas o exemplo principal. Em alguns casos, estes conflitos são travados através de procuradores.

No Mediterrâneo Oriental, uma longa disputa tomou uma nova direção acalorada. As marinhas da Grécia e da Turquia, ambas membros da OTAN, se enfrentaram em agosto por causa dos direitos à exploração de gás natural. Israel, Egito, Emirados Árabes Unidos e França apoiam a Grécia e a República do Chipre, tentaram impedir que a Turquia obtivesse acesso às reservas. Embora isto não tenha conduzido a um conflito militar, as questões não estão de forma alguma resolvidas.

Em outubro, eclodiu efetivamente um conflito armado entre a Armênia e o Azerbaijão sobre o enclave armênio de Nagorno Karabakh, com a Armênia sofrendo perdas significativas. Os azeris foram apoiados pela Turquia e por Israel, enquanto a Rússia tem bases militares na Armênia. Embora seja difícil encontrar números concretos, mais de mil pessoas morreram no maior conflito entre os dois países desde a guerra que se seguiu ao desmembramento da antiga União Soviética. Um cessar-fogo foi agora mediado pela Rússia com tropas russas de “manutenção da paz” trazidas para policiar a nova linha de controle.

Embora a questão de Nagorno-Karabakh não seja nova, tornou-se um conflito por procuração entre a Turquia, que tem a ambição de se estabelecer como um poder imperialista regional, com ambições regionais mais amplas. Tanto para a Turquia, como para a Rússia, os problemas econômicos internos e o agravamento das tensões políticas são um fator por detrás do aumento da agitação bélica. A política externa do regime Erdogan baseia-se em parte no equilíbrio entre diferentes interesses imperialistas, especialmente os dos EUA e da Rússia. Ela entrou em conflito não apenas com a Grécia, mas também com a Rússia na Síria e na Líbia, e também cada vez mais com a UE, especialmente com a França, com a qual se encontra no lado oposto da guerra civil líbia em curso. Uma das mais fortes rivalidades da Turquia é com os Emirados Árabes Unidos,

que utilizaram a sua riqueza petrolífera para apoiar a ditadura egípcia Al-Sisi contra a Irmandade Muçulmana e as forças de Haftar na Líbia.

Isto para não mencionar a guerra em curso no Iémen, que em parte reflete o conflito mais vasto entre o Irã e um conjunto de outros países, incluindo a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e Israel no Oriente Médio. Este conflito é também acentuado na África, particularmente no Chifre da África, envolvendo também o imperialismo estadunidense e a China. A guerra em Tigray, Etiópia, entre o exército nacional e as forças da TPLF, pode desestabilizar ainda mais a região, causando fome e a fuga de milhões de pessoas. É um veredicto devastador para a propaganda capitalista que a Etiópia, devido ao seu elevado crescimento econômico, tenha sido um exemplo para outros países pobres. Este modelo foi construído sobre uma ditadura e exploração imperialista, sem benefícios para as massas.

Tendências centrífugas mais amplas - a questão nacional

Enquanto a Nova Guerra Fria seja a principal força motriz que mina e desmantela o equilíbrio geopolítico do capitalismo global, as tendências centrífugas mais amplas (para a fragmentação) estão em jogo em todo o planeta. Isto é expresso na agudização da questão nacional, outro dos problemas intratáveis do capitalismo. A profunda crise de legitimidade que assola todos os pilares da ordem burguesa existente chega ao ponto de ameaçar a integridade territorial de alguns dos seus Estados-nação mais antigos e mais estabelecidos.

A Grande Recessão já assistiu à eclosão de questões nacionais que tinham estado pelo menos parcialmente adormecidas durante a época anterior, e a uma agudização séria de questões pré-existentes, com a Escócia e a Catalunha na vanguarda. Embora em alguns casos, a intensidade destas crises tenha diminuído durante um período de tempo, elas continuam a ser bombas-relógio que não foram de modo algum desativadas. A situação aponta para novas convulsões potencialmente ainda mais explosivas neste campo durante a década de 2020. A erupção da guerra em Nagorno-Karabach, a crise, os protestos e a repressão do PCC na Mongólia Interior, a repressão desenfreada do regime de Erdogan contra os curdos da Turquia e a sua nova ofensiva militar contra o PKK no Curdistão do Sul, a ruptura de um cessar-fogo de três décadas entre a Frente Polisário e o Estado marroquino sobre a questão do Saara Ocidental, são testemunho disso.

No Estado espanhol, o modelo territorial de “regiões autônomas”, concebido como parte da “Transição” fracassada do capitalismo espanhol do franquismo, está em crise existencial e tem sido um fator constante durante toda a pandemia. Na Catalunha, onde elementos de uma situação revolucionária existiam em 2017, quando milhões de pessoas desafiaram a brutal repressão estatal para afirmar o seu direito à autodeterminação, três anos mais tarde, uma plena crise constitucional permanece sem qualquer solução. Dezenas de ministros e líderes do movimento continuam exilados ou presos pelo “crime” de organizar um referendo.

O desenrolar da depressão econômica, que deverá atingir o Estado espanhol com mais força do que a maioria da Europa, não só lançará as bases para novas ondas de crise e luta de massas na Catalunha, como também tem o potencial de abrir novas frentes de crise nacional noutros locais da península. O País Basco esteve no epicentro

da primeira onda da pandemia, e viu greves espontâneas na indústria automobilística, forçando o fechamento de portas a patrões relutantes na Michelin, Seat e noutros locais. Nos últimos meses também assistimos a greves nos setores da saúde e da educação.

Na Grã-Bretanha, nos últimos meses Boris Johnson tem sido regularmente referido como “Primeiro-Ministro da Inglaterra”, com mais do que um grão de verdade. Um coquetel de fatores, incluindo a crise econômica, Covid e Brexit estão acelerando as tendências de fragmentação do “Reino Unido”. Na Escócia, o apoio à independência está consistentemente à frente nas pesquisas (em até 8%), com mais de 75% dos jovens a favor. Na Irlanda do Norte, estes fatores, somados às mudanças demográficas, incluindo a pressão por um plebiscito sobre a fronteira e unidade irlandesa e o perigo de uma grave escalada do sectarismo, também se combinam para colocar a questão se o frágil “processo de paz” se desvendará completamente, onde o conflito das aspirações nacionais se torna pronunciado.

A orgulhosa tradição da ASI de análise e intervenção marxista relacionada com a questão nacional - uma abordagem flexível, assentada nos pilares de princípio da luta pelos direitos nacionais de todos, sob a liderança da classe trabalhadora, enquanto se esforça pela máxima unidade dos trabalhadores e pelo internacionalismo socialista - é um trunfo crucial para este novo período. A compreensão do potencial revolucionário inerente às lutas pelos direitos democráticos, como motores e catalisadores de grandes batalhas de classe, é de importância central. Do mesmo modo, é uma resistência internacionalista de princípios contra as pressões exercidas pelo nacionalismo burguês e pequeno-burguês.

Por outro lado, as questões nacionais não resolvidas podem também contribuir para alimentar conflitos brutais, como é atualmente o caso no Cáucaso, partes do Oriente Médio e África subsariana. Em vários lugares, os perigos da “balcanização” e as tendências para a fratura violenta de países podem ser vistos, como no Líbano, na Líbia ou mais recentemente na Etiópia. O aprofundamento da pressão da crise econômica, a ingerência de potências estrangeiras e a fraqueza ou recuo do movimento de trabalhadores são fatores que podem exacerbar tais conflitos e tendências - aos quais os socialistas devem contrapor um programa que se esforça sensivelmente por forjar a unidade de classe lutando contra todas as manifestações de opressão e violência nacionais, e por unificar as reivindicações de classe.

Lutas e consciência: os anos 2010 turbinados

2019, saudado por muitos meios de comunicação social como “o ano dos protestos globais”, foi um ponto alto nas lutas em nível mundial. Enquanto que a pandemia inicialmente interrompeu esta tendência, a explosão da revolta do BLM em meados de 2020 marcou o seu espetacular ressurgimento, reforçado pelos efeitos da pandemia e da nova depressão econômica. A explosão das massas na Belarus contra o regime de Lukashenko, as revoltas sem precedentes da juventude na Tailândia e Nigéria, a grande onda de greve de verão no Irã, o ressurgimento dos protestos em massa no Líbano e Chile, as greves gerais na África do Sul e Indonésia, tudo isto confirmou o descontentamento generalizado e o potencial explosivo deste período à medida que o processo revolucionário se desenvolve.

Um estudo de dois acadêmicos italianos observou recentemente que a pandemia e o impacto da crise nas relações sociais e econômicas estão causando “um sentimento latente de descontentamento público tal que o nível de conflito social no período pós-epidêmico poderá vir a aumentar significativamente”. Uma análise da empresa de risco global Verisk Maplecroft previu de forma semelhante que o choque econômico da pandemia, associado às queixas existentes, constituiu uma “tempestade perfeita” que torna inevitáveis “revoltas públicas generalizadas”. Estes estudos apenas confirmam a análise da ASI sobre esta nova crise como um amplificador das tensões de classe já acumuladas durante o período pré-Covid, e como a incubadora de desenvolvimentos sociais e políticos ainda mais explosivos e rápidos - bem como de mudanças bruscas no humor das massas nos meses e anos vindouros.

Os analistas burgueses apontaram como os motins do pão foram um dos catalisadores das revoluções no Oriente Médio e Norte da África em 2010-2011 - um aviso sábio considerando que os preços mundiais dos alimentos têm subido sem parar por vários meses consecutivos, enquanto milhões de pessoas perderam o seu sustento. É difícil predeterminar exatamente que fator ou ocasião levará a explosões e quando; mas tal é o grau de fervilhante raiva e frustração em massa em todo o mundo que qualquer questão aparentemente incidental, desde um escândalo de corrupção a um ato de brutalidade estatal, pode desencadear uma erupção a partir de baixo em quase qualquer lugar.

Como Marx explicou certa vez, as pessoas fazem a sua própria história, mas não em circunstâncias de sua própria escolha, mas em circunstâncias transmitidas pelo passado. Isto inclui a ausência contínua, à escala mundial, de partidos de esquerda de massas com credibilidade e raízes entre camadas significativas da classe trabalhadora. A atual aceleração dos acontecimentos históricos permanece, por agora, combinada com um “calcanhar de Aquiles” bastante pronunciado herdado da era histórica anterior, sob a forma da fraqueza do fator subjetivo. As principais tendências subjacentes são o desdobramento de uma profunda crise para o capitalismo e o surgimento a partir de baixo de oposição e movimentos de classe trabalhadora. A oposição, organização e consciência, enquanto se desenvolvem, é muito menor do que poderia ser devido à ausência de um forte fator subjetivo, que poderia atuar como um fórum ou “estufa” para o desenvolvimento. A consciência também está se desenvolvendo, e às vezes tais mudanças serão dramáticas, porém no momento, em sentido geral, a classe trabalhadora na maioria dos países ainda não é uma classe para si mesma, ainda não conduzindo plena ou conscientemente a luta de classes contra as formas de exploração e opressão do capitalismo.

Lutas e eventos muito importantes fluíram da Grande Recessão e das condições austeras impostas em muitos países. Estas dão um vislumbre do que acontecerá no futuro. No entanto, embora tenham levado as coisas adiante, em geral não foram suficientemente longe para resultar em avanços qualitativos na maioria dos países, no sentido de a classe trabalhadora organizar seu poder ou estabelecer e consolidar movimentos de esquerda de massa fortes e em processo de desenvolvimento. A falta de um avanço de fortes movimentos políticos retardou a consciência de certas camadas - o que se traduziu em confusão mesmo antes do crescimento em alguns países de teorias conspiratórias durante a pandemia. Em algum momento, os eventos na sociedade, particularmente a luta, irão impulsionar a consciência geral, mas em alguns países pode haver uma situação contraditória, polarizada e complexa dentro da classe trabalhadora,

alguns avançando enquanto ao mesmo tempo outros podem ser afetados por ideias populistas de direita, etc.

Entretanto, tal é a instabilidade inerente do sistema, que as condições estão em constante estado de mudança e é muito importante que não tenhamos uma visão rígida ou esquemática. Na superfície, às vezes pode parecer como se a própria sociedade estivesse em um impasse ou as diferentes forças se cancelassem mutuamente. Embora elementos contraditórios estejam sempre presentes, no passado os camaradas estavam mais acostumados a condições objetivas com fases distintas que tendiam a ser geralmente favoráveis, a ser substituídas por menos favoráveis etc., e vice-versa. Hoje precisamos entender que desenvolvimentos positivos e reacionários podem ocorrer exatamente ao mesmo tempo. Precisamos ser politicamente fortes, claros e disciplinados o suficiente, para não nos desorientarmos pelos negativos, para lidar com eles, mas nos concentrarmos em aproveitar as oportunidades que se apresentam. Também temos que mostrar que o chicote da reação sempre foi um fator importante para impulsionar a consciência das melhores e mais avançadas camadas para frente, e podemos fazer ganhos chave entre estes elementos vitais ao longo dos meses e anos futuros.

A ausência de um forte fator subjetivo é também uma das razões pelas quais temos uma perspectiva de que pode haver explosões a partir de baixo. A ausência de sindicatos e partidos combativos da classe trabalhadora, pode significar que as questões que afetam as pessoas não são tratadas e podem resultar em condições cada vez piores. Mas assim como uma mola que é empurrada para trás inevitavelmente se estala e retrocede explosivamente, o mesmo pode acontecer com a raiva dos explorados e oprimidos. Precisamos de mais discussões sobre o que pode ser a natureza dessas explosões. Em alguns casos, temos visto explosões que se colocam em curso movimentos tenazes que forjam um caminho para a frente. Em outros, as explosões serão repentinas, mas também podem se dissipar rapidamente. Elas também podem conter um potencial excepcional e podem resultar em mudanças qualitativas nas condições e na consciência, inclusive no estabelecimento ou lançamento da base para a nova organização política da classe trabalhadora. Além de nos prepararmos para o que pode acontecer nos sindicatos ou com novas formações de esquerda, também precisamos olhar de forma elaborada para o potencial dos movimentos de mulheres, gênero, mudanças climáticas, lutas desorganizadas dos trabalhadores, comunidades e dos jovens em geral, em termos de impacto que podem ter na organização política e na compreensão da classe trabalhadora em geral.

Contudo, a classe trabalhadora está também entrando na década de 2020 com a experiência de uma década marcada pelas repercussões econômicas, políticas e sociais do que foi então a maior crise capitalista de gerações. Esta década caracterizou-se por episódios importantes de resistência de massas e mesmo de recrudescimento revolucionário, que deixaram uma marca profunda na consciência de milhões e deixaram o capitalismo - em particular a sua variante neoliberal - juntamente com os seus partidos e instituições com uma autoridade gravemente diminuída. O Índice de Paz Global 2020 calculou que os motins em todo o mundo aumentaram 282% nos últimos dez anos e as greves gerais em 821%!

Para os chamados “millennials”, e ainda mais para a “geração Z”, o estado “normal”

do capitalismo é equiparado a uma instabilidade econômica permanente e a uma catástrofe ambiental. Muitos dos millennials entraram na força de trabalho durante e após a última recessão, e estão agora sendo golpeados por outra, ainda mais brutal. Mesmo antes do colapso da Covid, os mais jovens - que cada vez mais não têm memória do colapso do stalinismo - tinham rejeitado o capitalismo em número crescente e estavam mais abertos às ideias socialistas, embora a consciência continue confusa sobre o que isto implica exatamente e como o socialismo necessário pode ser alcançado.

O descrédito do sistema capitalista foi exacerbado pela crise deste ano. O inquérito da “Fundação Memorial das Vítimas do Comunismo”, conduzido pelo instituto de pesquisa YouGov, descobriu que o apoio ao socialismo entre os Gen Z (16 a 23 anos de idade) nos EUA aumentou de 40% no ano passado para 49% este ano. Segundo o mesmo relatório, 60% dos millennials (24 a 39 anos) e 57% dos Gen Z apoiam uma “mudança completa do nosso sistema econômico abandonando o capitalismo”: são aumentos de 8 e 14 pontos percentuais, respectivamente, em relação a apenas um ano atrás. As condições recentemente desencadeadas pela pandemia preveem um processo de radicalização política entre as gerações jovens a que provavelmente não assistimos há décadas - ao mesmo tempo que provocam, mesmo nas gerações mais velhas, uma consciência crescente de que algo está fundamentalmente errado com a forma como a sociedade está organizada, e que os desenvolvimentos estão ligados internacionalmente. De acordo com uma sondagem do instituto de pesquisa EKOS, por exemplo, 73% dos canadenses em todos os grupos etários disseram esperar uma “ampla transformação da nossa sociedade” quando a crise da Covid-19 terminar. O estado de espírito e a consciência da juventude, que têm sido um estímulo para muitos movimentos de protesto neste ano, deve ser visto como um fator potencialmente muito importante e pode dar o tom e inspirar outros setores da classe trabalhadora em termos de ideias, desafios, demandas e lutas e impactar os processos dentro da classe trabalhadora em geral.

Se na sua fase inicial, a crise atual parecia ter quase “suspendido a política”, empurrando as lutas de massas para segundo plano, trazendo à tona elementos de medo, confusão e um certo “benefício da dúvida” atribuído aos governos nacionais, esta fase inicial não foi duradoura. As greves inoficiais dos trabalhadores numa série de países foram um sinal precoce da insustentabilidade e do vazio da retórica da “unidade nacional”.

Por baixo da superfície, a crise apimentou consideravelmente os ingredientes necessários para que a raiva generalizada se irrompa em conflitos de classes abertos e movimentos de massas - com uma consciência geralmente mais elevada do que nos movimentos que marcaram a década anterior. As outras vias de radicalização e lutas que caracterizaram os anos pré-Covid (opressão de gênero e racial, destruição ambiental, etc.) longe de terem desaparecido, foram fortemente acentuadas - apenas somando a esta mistura combustível.

Naturalmente, seria um erro assumir que isto seguirá um rumo linear ou desenvolver-se-á de forma uniforme em todas as camadas em todas as partes do mundo. O vapor das lutas em massa não é ilimitado, períodos de fadiga, bem como contratemplos e derrotas são inevitáveis na ausência de partidos, lideranças e programas capazes de os fazer avançar.

O fator subjetivo não é em si mesmo um pré-requisito para que os movimentos de

massa e até mesmo as revoluções se iniciem. Mesmo sem liderança, as lutas espontâneas podem agarrar vitórias temporárias, ou forçar a classe dominante a dar passos atrás e concessões parciais - como temos visto em muitas ocasiões nos últimos meses. Mas tal espontaneidade acabará por atingir limites, e tais concessões podem ser revertidas se estes movimentos não forem capazes de se elevarem a um nível mais elevado e mais organizado, inclusive abraçando um programa que vai para além da lógica do capitalismo.

O fato de o ex-Primeiro-Ministro Saad Hariri ter sido encarregado de liderar um novo gabinete, apesar do seu anterior governo ter sido derrubado pela revolta de outubro do ano passado, reflete não só o impasse político que a elite burguesa do país enfrenta, mas também as deficiências do movimento em não ter sido capaz de articular e impor a sua própria alternativa, baseada na classe. O papel de “figuras acidentais” em alguns dos movimentos recentes, como o imã Mahmoud Dicko nos protestos em massa no Mali, a líder da oposição exilada Svetlana Tikhanovskaya nos protestos na Belarus, ou o ex-presos Sadyr Japarov impulsionado para a presidência pelos protestos no Quirguizistão, fala do vácuo de liderança política da classe trabalhadora nestes países.

Além disso, praticamente em todo lugar, as lideranças sindicais têm, em maior ou menor grau, freado as lutas de trabalhadores, travando o potencial para uma séria resistência coletiva contra a nova ofensiva capitalista sobre empregos, salários e condições. Isto não foi capaz de evitar lutas sindicais muito importantes em alguns países, incluindo os EUA, França e Índia. No entanto, nestas circunstâncias, choques econômicos brutais ao longo do caminho e o espectro do desemprego em massa podem e irão exercer por vezes um efeito atordoador na dinâmica da luta de classes. O desespero econômico em massa sem resposta coletiva tangível pode levar a atos de desespero, terror individual, motins desorganizados ou surtos de violência comunal, sectária ou tribal, de forma mais crítica no mundo neocolonial.

A pandemia de Covid-19 e a crise econômica global também acelerarão enormemente uma tendência negativa do bem-estar mental em todo o mundo, especialmente na juventude. O isolamento físico, o fechamento de escolas, a redução do acesso a cuidados de saúde, a perda de empregos, o aumento da ansiedade econômica e o medo de desastres climáticos, produziram uma combinação particularmente tóxica. Mais de metade (51%) dos 3.500 inquiridos em sete países pelo Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV) afirmaram que a pandemia teve um impacto negativo na sua saúde mental. Todos os peritos advertem que alguns destes efeitos serão duradouros. Outra característica dessa sociedade doente é que nos EUA e em partes do Canadá, a expectativa de vida, especialmente para os homens, caiu. Um fator chave é a explosão das mortes por opióides, que mataram mais pessoas na Colômbia Britânica do que a COVID em 2020 - 1.716 a 901. Os governos continuam a tratar muitas questões de saúde mental com o sistema criminal, portanto, recusam o fornecimento seguro e limpo de drogas e a polícia ataca e assassina constantemente pessoas que sofrem com problemas de saúde.

Em Hong Kong, a luta em massa do ano passado sofreu uma grave derrota, com o medo e a desmoralização grassando contra o pano de fundo de uma repressão crescente do regime chinês e dos seus lacaios. A eclosão de conflitos militares e o aumento das tensões nacionalistas pode também afetar o humor das massas e interromper as ondas

de luta de classes. Na ausência de uma forte marca da classe trabalhadora em alguns dos movimentos, a dinâmica da “Guerra Fria” em curso à escala mundial pode gerar ilusões num dos dois blocos imperialistas como contrapeso ao que é visto como o inimigo mais imediato - como se reflete em algumas das confusões em torno da chamada Aliança Chá com Leite, com a juventude ativista em Hong Kong, Taiwan e Tailândia olhando para os EUA “democráticos” contra a China autocrática e os generais tailandeses.

Contudo, perspectivas marxistas equilibradas não são um mero “jogo de soma zero”; apesar das várias complicações, devemos identificar quais são as características dominantes dos processos em jogo em escala mundial. Num sentido geral, apesar das contradições mencionadas e das diferenças entre diferentes partes do planeta, não há dúvida de que a pandemia e a nova crise mundial contribuíram para impulsionar a consciência de classe e não o contrário. Embora recomeçando a partir de um ponto mais baixo do que no ano passado, as lutas têm, em muitos casos, seguido o mesmo caminho.

Uma característica importante do período atual reside no fato de o ritmo das flutuações conjunturais, ou seja, a sucessão de períodos de ascensões e declínios na luta de classes, de eventos revolucionários e contrarrevolucionários, ter sido imensamente acelerado. Tal como a mudança do centro de gravidade geográfico das lutas, deslocando-se de um país para outro e de um continente para outro a um ritmo acelerado. O nível das desigualdades de classe e a instabilidade do sistema capitalista como um todo foram construídas até níveis historicamente tão elevados à escala mundial que a tentativa das classes dirigentes de controlar o movimento elementar das massas é cada vez mais semelhante à de um bombeiro que luta para extinguir um número crescente de incêndios.

Enquanto em muitos destes movimentos, a compreensão do papel da classe trabalhadora na realização de mudanças efetivas ainda se encontra num ponto relativamente baixo, ações e métodos mais distintos da classe trabalhadora moldaram algumas delas - atestado pela volta da “greve de massas” em países como a Indonésia, África do Sul e Belarus. Como mesmo a revista Teen Vogue reconheceu recentemente, a consciência de classe está numa curva ascendente em todos os continentes, e tem sido impulsionada pela pandemia e pelos efeitos dos lockdowns. Embora conscientes dos seus inevitáveis fluxos e refluxos e das suas atuais limitações políticas, podemos afirmar com confiança que as revoltas de massas, revoluções e conflitos endurecidos entre as classes, juntamente com saltos mais sérios no crescimento do apoio às ideias socialistas e às forças marxistas, serão uma das características dominantes da próxima década.

O processo das lutas de massas, suas vitórias e suas derrotas, é também uma experiência cumulativa, da qual se retiram lições e conclusões. A recente onda de greve no Irã, por exemplo, viu um nível inédito de coordenação entre diferentes indústrias, com trabalhadores de setores diferentes cruzando os braços simultaneamente em solidariedade uns com os outros, incluindo de 54 instalações petrolíferas, de gás e petroquímicas. Isto baseia-se claramente em lições táticas tiradas de ondas anteriores de lutas contra o regime. E o que é verdade num único país é também verdade, até certo ponto, em nível internacional.

Os efeitos de décadas de globalização e o desenvolvimento maciço da Internet e da comunicação social lançaram as bases materiais para o advento de uma nova e

rudimentar forma de internacionalismo, particularmente entre as gerações mais jovens. Embora não tenha, nesta fase, qualquer complemento organizacional ou político de pleno direito, esta perspectiva instintivamente internacionalista e propensão para olhar para lutas noutros países em busca de inspiração e lições, tem sido um traço marcante dos movimentos recentes, o que facilitou a sua rápida propagação. O carácter totalmente universal da pandemia e da crise econômica, mais profundamente global do que a Grande Recessão de 2008, reforçou o argumento de que nenhum dos problemas de hoje pode ser tratado num quadro puramente nacional. Numa altura em que os tambores do nacionalismo das classes dirigentes estão a bater cada vez mais alto, as ideias de cooperação internacional e de solidariedade e luta da classe trabalhadora transfronteiriça já encontraram e continuarão a encontrar um eco entre camadas crescentes de trabalhadores e jovens - como ilustrado graficamente pelas greves climáticas globais do ano passado, e o BLM e o movimento antirracista global este ano. As iniciativas da ASI e das suas seções, baseadas neste clima internacionalista crescente, como fizemos em reação ao conflito no Mar Mediterrâneo Oriental ou ao acordo de “normalização” entre o Sudão e Israel, podem funcionar como pára-raios para estas camadas.

A sensação de que este sistema está falido e não oferece futuro provavelmente está em alta histórica desde o período imediatamente após a primeira guerra mundial; também as lutas em massa estão aumentando em escala global com os movimentos explosivos em 2019 e 2020. Ao mesmo tempo, a ideia de como seria uma alternativa ao sistema atual e, especialmente, a questão de como isto poderia ser alcançado, ainda não está muito clara. Ligada a isso, mas também ao aburguesamento dos antigos partidos da classe trabalhadora e ao papel que os sindicatos desempenharam nas últimas décadas, o grau de preparação para organizar ainda é muito baixo. Somente através da crescente luta de classes, vitórias e camadas mais amplas que passam por experiências, este obstáculo pode ser superado.

Escolas e hospitais: um barril de pólvora social

Ao longo da pandemia de Covid-19, a importância estratégica de trabalhadores da educação e da saúde na reprodução, formação e preservação física da força de trabalho existente e futura foi extremamente evidenciado.

Em muitos países capitalistas avançados, por conta da desindustrialização, os hospitais estão entre os locais de trabalho que reúnem as maiores forças de trabalho. A ASI identificou no estágio inicial da crise que trabalhadores da saúde e de serviços sociais e de cuidados, por enfrentarem riscos mais intensos em seus empregos ao mesmo tempo em que aproveitavam uma ampliação singular da simpatia popular, teriam sua indignação e sua confiança ampliadas e se engajariam em ações militantes grevistas pelo mundo - o que incluiu, talvez de forma mais impactante, muitos países africanos. A palavra de ordem que apareceu durante as manifestações de trabalhadores da saúde na França entre a primeira e a segunda ondas de Covid-19 era “Após os aplausos, começar a mobilização” e expressa uma impaciência amplamente compartilhada no enfrentamento com políticos capitalistas que têm desmantelado o setor de saúde. Apesar desta tendência poder ser temporariamente sufocada pelas pressões da enorme carga de tra-

balho provocada por novas ondas virais, ela pode, também, retornar com vigor renovado quando a pandemia diminuir.

A pandemia veio em cima de uma crescente contradição no sistema capitalista no período atual: devido à forma como a sociedade se desenvolveu, cada vez mais pessoas estão dependendo do setor de saúde ou social. A sociedade está envelhecendo, o agravamento das condições de trabalho e de vida tem um impacto negativo sobre a saúde física e mental da classe trabalhadora e da juventude, e a pobreza e o problema de moradia está aumentando. Portanto, a importância do setor está crescendo constantemente, assim como sua posição na sociedade. Ao mesmo tempo, em uma situação de crise econômica, os capitalistas estão ávidos para reduzir as conquistas históricas da classe trabalhadora e também querem abrir o setor de saúde e social para o capital privado. Tudo isso faz do setor social e de saúde um campo de batalha central na luta de classes de hoje. Em todo o mundo podemos ver muitas das lutas de classe mais combativas neste setor. A crise do Corona só acelerará este processo. Portanto, nossa internacional e todas as seções devem desenvolver uma orientação estratégica para os trabalhadores do setor social e de saúde.

A pandemia também colocou educadores e seus sindicatos na linha de frente do debate sobre como reabrir as escolas de forma segura. O fechamento de escolas e universidades afetou mais de um bilhão de estudantes em todo o mundo, se tornando um problema central para a classe capitalista pelos efeitos que os fechamentos tiveram sobre o conjunto da classe trabalhadora. Ao mesmo tempo, as famílias da classe trabalhadora também foram profundamente afetadas, impactando duramente o desenvolvimento de crianças e ampliando o fardo para as famílias, ampliando especialmente as pressões que recaem sobre os ombros das mulheres. Por outro lado, a situação reforçou amplamente a confiança de trabalhadores da educação, possivelmente convertendo este setor em um dos principais campos de batalha das lutas futuras – tal como vimos na França com a “greve sanitária” de professores em novembro de 2020.

No Reino Unido, o maior sindicato de professores NEU (Sindicato Nacional da Educação) viu um crescimento no número de filiações, com mais de 50 mil novos membros desde o início da pandemia – é o maior número registrado nos últimos anos. Nos EUA, o apoio público aos sindicatos era de apenas 48% durante a Grande Recessão de 2009 e hoje, de acordo com um levantamento da Gallup realizado entre julho e agosto de 2020, é de 65%. Ainda que a situação do movimento sindical varie profundamente em cada país, os dados apresentados mostram o potencial para os sindicatos fortalecerem suas fileiras neste período convulsionado, isto se suas direções estiverem preparadas (ou forem pressionadas) para lutar. Com a pressão da base, alguns sindicatos podem ser pressionados a atuar mais do que suas direções desejariam. Porém, a profundidade da depressão econômica, as demissões massivas que estão ocorrendo em muitos países e o aprofundamento da polarização entre classes, também podem resultar em inércia, conciliações e traições (que resultam de uma concepção reformista das direções sindicais) que, por sua vez, podem resultar na redução no número de filiações sindicais e precipitar crises em sindicatos em sua integridade. Tais crises podem produzir divisões ou a criação de novas formações sindicais com maior potencial militante. Tudo isso faz com que o trabalho de socialistas revolucionários na construção e liderança de um movimento sindical combativo seja ainda mais importante neste momento. Isto requer,

também, enorme flexibilidade tática para socialistas, que não podem deixar os sindicatos mais tradicionais nas mãos da burocracia, ao mesmo tempo em que devem participar de qualquer movimento significativo que pode criar novas estruturas sindicais sem deixar de apresentar propostas concretas para a unidade na luta entre diferentes sindicatos da classe trabalhadora.

Os setores que estiveram na linha de frente das lutas nos últimos anos são, também, intensamente feminizados. Isto é, são os setores mais afetados pela crise econômica, como o trabalho doméstico, hospitalar e o comércio. Isto se expressou na luta que durou meses realizada na Debenhams (multinacional britânica de lojas de departamento) da Irlanda. Lá, mulheres da classe trabalhadora foram lançadas na linha de frente da resistência mundial contra os ataques capitalistas. Esta é uma tendência observada globalmente nos anos recentes: as mulheres também jogaram um papel dirigente em movimentos de massa deste ano, desde a Nigéria até a Belarus. Na Tailândia, elas apresentaram sua pauta específica nas lutas de massas da juventude, denunciando as diferenças de gênero nos salários, a cultura do estupro, as leis restritivas em relação ao aborto e a mercantilização de corpos femininos.

No contexto de uma crise em que as mulheres enfrentam pressões econômicas mais intensas, ataques sobre os seus direitos reprodutivos e um aumento dramático na violência de gênero, o potencial de lutas enfrentando opressões de gênero permanece elevado – tal como se expressou nos protestos que tomaram toda a Índia após o estupro brutal e o assassinato de uma garota da comunidade Dalit (escala mais baixa do sistema de castas do país) em Uttar Pradesh; ou na Turquia, onde milhares de mulheres tomaram as ruas em diversas cidades durante o verão contra o feminicídio e a violência doméstica – foram as manifestações mais importantes no país desde o início da pandemia.

Sem dúvida alguma, foi na Polônia que o potencial dessas lutas levarem a grandes levantes sociais que se expressou de forma mais vívida. O ataque contra o direito ao aborto encabeçado pelo governo de direita do PiS (sigla do “Partido Lei e Justiça” em polonês) provocou – ainda que durante uma situação de pandemia e lockdown – as maiores manifestações que ocorreram no país desde os anos 1980, marcadas por um estado de espírito mais determinado, generalizado e politizado de revolta do que aquele que existia nos movimentos que ocorreram quatro anos atrás. Uma tentativa “incipiente” de greve geral apareceu e poderia ter se materializado em uma greve geral real se as direções sindicais cumprissem seu papel. Esta explosão repentina pegou o governo de surpresa e balançou sua sustentação, obrigando-o a realizar um recuo parcial.

O fato de um retrocesso massivo nos direitos das mulheres estar em curso após anos de lutas históricas das mulheres ocorrerem internacionalmente é uma demonstração do fracasso da capacidade das ideias reformistas criarem igualdade de gênero e, por isso, mais e mais mulheres trabalhadoras são impulsionadas a tirar conclusões revolucionárias.

Acontecimentos dramáticos nos EUA

O ano de 2020 começou com o surgimento de uma pré-campanha presidencial por Bernie Sanders com um programa mais à esquerda do que aquele apresentado em 2016. A campanha de Sanders representou uma séria ameaça ao establishment neoliberal do

Partido Democrata, o qual realizou uma campanha furiosa para impedir a sua vitória e garantir a nomeação do, muito fraco, Joe Biden. Sanders capitulou diante deste ataque e deixou trabalhadores e jovens progressistas sem uma direção efetiva durante um ano de profunda crise. Porém, o apoio aos elementos fundamentais de seu programa não diminuiu.

É importante considerar isto quando analisamos o que ocorreu desde então. A má e criminosa administração da pandemia por Trump resultou na morte de centenas de milhares de pessoas na potência capitalista mais poderosa do mundo. Efeitos econômicos desastrosos surgiram, como as longas filas para obter alimentos doados em todo o país. Aproximadamente, uma a cada três famílias com crianças no país enfrentou insegurança alimentar. Tudo isso revelou para o mundo a horrível realidade de desigualdade e precariedade massivas, assim como a situação desastrosa da saúde pública predominantes nos EUA.

O renascimento do movimento Vidas Negras Importam foi diretamente afetado por tais condições sociais. Foi uma rebelião multirracial da juventude, dirigida pela juventude negra, contra o racismo e o futuro desolador que o capitalismo oferece. Foi o maior movimento de protestos na história dos EUA, o qual, temporariamente, colocou os reacionários na retaguarda e teve um efeito positivo significativo sobre a consciência de massas. Porém, o movimento não tinha direção, programa, estrutura democrática e estratégia definidos necessários para obter conquistas reais. Isto fez com que a capitulação de Sanders – quem poderia ter jogado um papel crucial em tudo isso – se tornasse ainda mais criminosa. Os democratas nas grandes cidades foram capazes de pacificar o movimento e de instrumentalizar erros ultraesquerdistas cometidos por parte do movimento. Tudo isso abriu uma avenida que foi explorada por Trump.

Consequências das eleições presidenciais

A derrota de Donald Trump foi bem-recebida e marcada pelo alívio de centenas de milhões de pessoas por todo o mundo. Objetivamente, foi uma derrota importante para o populismo de direita e extrema-direita em âmbito internacional. Pessoas comuns superaram as inúmeras tentativas de: afastá-las das urnas; reprimir flagrantemente o voto, especialmente de latinos e negros, em diferentes estados; e as implacáveis tentativas de Trump de fraudar as eleições. A classe dominante também mostrou que ela não queria que a democracia burguesa fosse ainda mais atacada e usou os meios de comunicação de massas para defender a “integridade” das eleições e do processo de contagem de votos.

Porém, o número de votos em Trump, apesar de sua resposta desastrosa à pandemia, é um sério alerta, especialmente se no próximo período a classe trabalhadora fracassar na construção de uma alternativa de esquerda real aos Democratas.

Tal como nossa seção nos EUA explicou em seus materiais, Trump recebeu o apoio da maioria das pessoas que via a economia como problema central. Ele também ganhou o apoio de 40% dos trabalhadores sindicalizados por todo o país. Apesar de rejeitarmos totalmente as análises que reduzem o resultado das eleições ao “racismo branco”, é fato que, em parte, o populismo de direita está consolidando uma base no interior da classe trabalhadora e da classe média brancas parcialmente por meio do racismo.

Mas ao mesmo tempo, em comparação com os votos recebidos por Clinton em 2016, houve uma proporção razoavelmente maior da classe trabalhadora branca apoiando Biden. Este é um indicador do que Sanders poderia ter feito se ele tivesse sido o candidato no lugar de Biden, quem literalmente não tinha nada a dizer para qualquer setor da classe trabalhadora e quem abertamente rejeitou a construção de um sistema nacional e público de saúde (“Medicare for All”), assim como um “Novo Pacto Verde”.

Isto significa que a imensa polarização permanecerá, assim como a fragilização das instituições burguesas. O establishment do Partido Republicano que está firmemente sob o controle de Trump não tem qualquer alternativa propositiva para retomar o poder no curto prazo. Existem contradições profundas no Partido Republicano que podem resultar, no próximo período, em um racha e na construção de um partido explicitamente de extrema-direita. Por enquanto, Trump está utilizando o período pós-eleitoral para consolidar sua base a partir da narrativa de que as eleições foram fraudadas.

Apesar deste ser um processo perigoso, ele também pode funcionar como o “chicote da contrarrevolução” acelerando avanços na esquerda. Divisões no interior do Partido Democrata ficaram totalmente explícitas quando “moderados” atacaram Alexandria Ocasio-Cortez (AOC) e a esquerda como responsáveis por perdas de mandatos no congresso nacional. Ao mesmo tempo, AOC e “O Esquadrão” (nome informal dado ao grupo de parlamentares mais à esquerda) na Câmara Federal pode se fortalecer e influenciar o equilíbrio de poder no partido.

Com milhões de pessoas, especialmente a juventude, radicalizadas pela crise econômica capitalista, pelo desastre ambiental e pela luta contra o racismo e outras formas de opressões, o espaço para uma alternativa política de esquerda nos EUA nunca foi tão grande desde, pelo menos, os anos 1970. O potencial para reconstruir um movimento combativo da classe trabalhadora se expressou claramente na revolta das/os professoras/es em 2018 e a onda grevista que se desdobrou desde então.

O fator inexistente é a direção. Figuras centrais, como AOC, ainda estão atreladas ao Partido Democrata e se contentam em reclamar que não estão sendo levadas a sério pela direção do partido. Mas são setores que enfrentarão pressões massivas para tomar posição contra ataques de Biden no próximo período e com o surgimento de uma nova fase da crise.

Perspectivas para o governo de Biden em nível nacional

As afirmações de Biden sobre “gastar dinheiro” para enfrentar a crise podem soar como ousadas. Porém é apenas o que o FMI e o Banco Central literalmente estão exigindo do governo dos EUA. É óbvio que investir dinheiro em uma emergência não é a mesma coisa do que se comprometer com a efetivação de programas de longo prazo que poderiam beneficiar materialmente a classe trabalhadora. Tais compromissos não existem, ainda que Biden possa anular decretos de Trump que atacaram regulações ambientais e restringindo a imigração – ações que podem prolongar a “lua de mel” de Biden por um curto período de tempo. Ao mesmo tempo, governos locais dirigidos por Democratas estão preparando a efetivação de cortes massivos em programas sociais.

Mas os próximos dois anos não serão uma mera repetição de 2008-2010, período em

que o movimento de trabalhadores e a esquerda se recusaram a lutar contra as medidas de Obama que salvaram os bancos, enquanto milhões de pessoas perdiam suas casas. Existiam ilusões genuínas no governo de Obama que não existirão durante o governo de Biden e a classe trabalhadora pode resistir fortemente contra uma repetição do que ocorreu 10 anos atrás. Não é possível definir precisamente quando e como o conflito de setores da classe trabalhadora e da juventude com o governo Biden se manifestará, mas podemos ter certeza de que há muitas centelhas potenciais como: ameaças de despejos em massa, lutas contra cortes sociais em níveis municipal e estadual, ameaças contra o direito ao aborto encabeçadas por um Supremo Tribunal Federal dirigido pela direita. A tentativa de aplicar a mesma agenda neoliberal de Obama produzirá resultados muito diferentes nos dias atuais.

Porém se o movimento de trabalhadores e a esquerda não conseguirem dar uma resposta à altura da situação atual e não oferecerem uma alternativa clara, então será aberta uma grande avenida para a extrema-direita ocupar e crescer nos próximos anos. Tal como afirmamos, o “trumpismo” pode ser sucedido por um fenômeno ainda mais perigoso.

Governo Biden e sua política externa

A principal questão que precisamos enfrentar é: em que medida o governo Biden representará uma “reinicialização” nas relações mundiais. Biden rapidamente tomará medidas para diferenciar, pelo menos em nível retórico, o novo governo do período de Trump. Ele reingressará no Acordo de Paris sobre o clima e na Organização Mundial da Saúde, espaços que os EUA oficialmente abandonaram. Mais amplamente, ele buscará reinserir os EUA nas instituições globais do capitalismo que Trump abandonou, retomando alianças tradicionais dos EUA – como a OTAN.

Mas o Acordo de Paris é extremamente limitado e o retorno dos EUA não significa qualquer mudança significativa no enfrentamento ao desastre ambiental. Da mesma forma, acabar com a retórica do “América Primeiro” e retomar relações com a Organização Mundial do Comércio (OMC) podem ser medidas que reduzirão o crescimento do protecionismo. Mas isto não significa reverter a tendência que marcou os últimos anos. Biden prometeu trazer os empregos de volta, utilizando a bandeira “Made in America” (Fabricado nos EUA).

Isto fica especialmente explícito no conflito entre os EUA e a China. Biden pode, por exemplo, buscar um acordo com a China para reduzir as tarifas, mas a política de “engajamento” com a China que começou com a visita de Nixon em 1972 e que resultou no ingresso da China na OMC no ano 2000 definitivamente acabou. Tal como enfatizamos, isto não é apenas resultado da política econômica nacionalista de Trump, mas reflete uma mudança mais profunda na classe dominante dos EUA. Mesmo antes de Trump, Obama buscou, por meio do acordo de livre comércio definido na Parceria Transpacífica (TPP, do qual, posteriormente, Trump saiu), “cercar” a China e conter seu crescimento. Podemos esperar que Biden utilize os “direitos humanos” como uma campanha do imperialismo dos EUA para um enfrentamento muito maior do que aquele realizado por Trump. Não devemos esperar qualquer mudança real no conflito tecnológico ou nas movimentações gerais que buscam um desacoplamento entre EUA e China.

Biden e sua equipe estão definitivamente comprometidos com a tentativa de resuscitar um acordo nuclear com o Irã, mas isto na prática será algo muito difícil. O Irã está indicando que demandará uma indenização pelo regime de sanções implementado por Trump, algo que provavelmente será politicamente impossível Biden aceitar. Além disso, as eleições no Irã ocorrerão neste ano e isto pode colocar a presidência do país, novamente, nas mãos da fração linha-dura do regime e complicar ainda mais a retomada do acordo. Também existem indicadores de que Biden adotará uma postura menos amigável em relação ao regime saudita. A saída de Trump da Casa Branca, governo que Mohamed Bin Salman usou para justificar sua política de centralização do poder em torno de si, pode reativar as disputas internas da elite dominante no regime saudita. Além disso, as relações com o governo de Netanyahu serão frias, já que é provável que o governo de Biden tentará apresentar uma postura menos agressiva e provocadora em favor de Israel para reabrir espaços de diálogo com a liderança palestina que desapareceram no governo de Trump. Porém, de qualquer maneira, isto não significa que a quimera de um acordo de paz apoiado pelo imperialismo entre Israel e Palestina será uma prioridade de Biden.

A vitória de Biden foi bem recebida pela maior parte dos líderes dos principais países da União Europeia, mas isto não ocorreu nos casos de países como Hungria, Polônia, Chéquia e Eslováquia. Certamente, Biden adotará uma postura mais antagônica em relação à Rússia. Ele se opõe ao Brexit, mas reconhece que é algo já dado.

Aprofundamento da polarização política

Austeridade implacável, crescimento da desigualdade e da competição entre pobres por acesso aos serviços públicos e menor aceitação social do neoliberalismo são características fundamentais da crise atual. Representantes políticos de esquerda e direita e diversas instituições, passaram a ser vistos por setores cada vez mais amplos como aqueles que atuam em favor de um status quo que beneficia as elites. Além disso, a autoridade das principais lideranças sindicais foi reduzida significativamente no último período, em diferentes graus em diferentes países e dentro de diferentes países. Guerras que afirmavam buscar um mundo mais seguro e expandir a “democracia” produziram, ao invés disso, mais insegurança, ditaduras brutais e terrorismo em uma escala sem precedentes. “Revelações” e conspirações sobre o “estado profundo” e a influência de serviços secretos de potências estrangeiras sabotam ainda mais a credibilidade já reduzida das instituições capitalistas. Lutas por recursos e riqueza ampliam tensões entre blocos comerciais, países e até mesmo regiões no interior de países municiando questões nacionais e abrindo divisões entre autoridades nacionais, regionais e locais. O aumento de catástrofes ambientais impulsiona a sensação de urgência para enfrentar a mudança climática, mas também assusta quem depende de indústrias poluentes para sobreviver. Este caldeirão de contradições alimenta frustração, insegurança, desconfiança e ansiedade e tem sido amplamente agravado pelo fracasso sistêmico no enfrentamento da crise sanitária, assim como pela depressão econômica.

Em outubro de 2020, uma pesquisa de opinião realizada na França indicou que 79% dos participantes consideravam dar um voto antissistêmico. Este é um exemplo de uma tendência internacional que se manifestou em diferentes movimentos sociais durante

o último ano. Personalidades ou partidos políticos prontos para aproveitar este estado de espírito podem conquistar avanços importantes. Infelizmente, nenhuma figura ou formação de esquerda em nível internacional parece estar pronta, neste momento, para enfrentar o desafio: ao invés disso, buscam ser construtivos ou respeitáveis. Figuras de esquerda no interior do Partido Trabalhista inglês ou do Partido Democrata nos EUA canalizaram uma tendência à esquerda na sociedade, mas, em maior ou menor medida, capitularam ao establishment. Já o “Esquadrão” nos EUA pode, talvez, ser obrigado a se deslocar à esquerda sob pressão de suas bases em um estágio posterior. Em outros casos, o principal fracasso da “nova esquerda” tem sido em construir uma força política coesa capaz de consolidar os ganhos eleitorais, engajar-se na luta e permitir que as lutas se reflitam dentro de suas fileiras, e começar a construir fortes raízes nos locais de trabalho e nas comunidades da classe trabalhadora. De diferentes maneiras, as limitações da França Insubmissa de Melançon e da estrutura política de AMLO, ambas pararam na metade do caminho em direção a um novo partido de esquerda, com líderes que deram um meio passo nessa direção.

A maior parte dos dirigentes sindicais também temem as consequências do que pode ser desencadeado se traduzirem a indignação e a frustração massivas em demandas e ações concretas. As oposições de esquerda nos sindicatos no momento atual são muito mais frágeis do que eram décadas atrás e estão apenas começando a se reconstruir em alguns países, isto é, na maior parte dos casos ainda não conseguem tomar e superar os aparatos burocráticos.

Populismo de direita e de extrema-direita

Tudo isso abre espaço para populistas de direita e até mesmo extrema-direita se apresentarem como a principal ou a única força antissistêmica. Mesmo após quatro anos na presidência dos EUA, com todos os insultos misóginos e racistas ou com a gestão desastrosa da crise de saúde, Trump conseguiu se apresentar como “antissistema” e defensor da classe trabalhadora branca, ao mesmo tempo que atraiu camadas importantes dos latinos e negros. Trump e a extrema-direita exploraram o medo da pobreza e da perda de emprego resultante do confinamento durante a pandemia de Covid-19 se colocando como defensores da “liberdade”. A desconfiança do establishment após anos de desilusões, traições e mentiras descaradas tende a alimentar teorias da conspiração. Um sentimento de patriotismo que deseja restaurar a lei e a ordem é mobilizado para proteger “nosso modo de vida” contra uma suposta anarquia promovida pela “esquerda” ou alimentada pela “máfia sindical e do Partido Democrata”, assim como pelo “estado profundo” que colocou os EUA na decadência.

Populistas de direita e extrema-direita reproduzem discursos similares. Alimentar o racismo, defender a lei e a ordem ou os “nossos valores cristãos” são táticas que agora estão sendo complementadas pela instrumentalização do medo de pequenos empresários de terem que fechar seus negócios, canalizando a frustração para medidas antidemocráticas que são aplicadas contra pessoas comuns, enquanto as grandes empresas continuam funcionando e utilizando em seu favor a indignação e a desconfiança nos políticos tradicionais, na imprensa e nas instituições burocráticas.

Porém, há importantes limites que, quando são ultrapassados por alguns elemen-

tos da extrema-direita, podem provocar reações importantes. Assim, a esquerda anti-fascista grega combateu o “Aurora Dourada” de forma que o establishment se sentiu pressionado a abandoná-los. Apesar de ser uma vitória importante, não podemos descartar a possibilidade do neofascismo retornar em estágio posterior utilizando um novo nome. Pequenos, ainda que crescentes, agrupamentos neofascistas de combate são ferramentas úteis para partidos de extrema-direita, porém sua existência cria conflitos e divisões internos que podem resultar em derrotas eleitorais temporárias para a extrema-direita. Alianças entre setores conservadores da direita e protofascistas por meio de uma plataforma populista de direita sempre são instáveis. O crescimento e o sucesso do AfD (“Alternativa pela Alemanha”) nas eleições alemãs tem sido marcado por lutas internas entre duas alas da direita. Há o grupo antiestablishment radical em torno do fascista Björn Höcke que busca uma aproximação com movimentos como o racista Pegida ou o negacionista Querdenken com um programa social-nacionalista, enquanto o grupo conservador-patriótico em torno de Jörg Meuthen busca preparar o partido para a participação no governo com um programa neoliberal e protecionista. O último ganha com a imagem anti-establishment que o partido carrega, enquanto os protofascistas precisam dos conservadores nacionalistas para parecerem setores bem-comportados. Um agrupamento precisa do outro para sobreviver, mas não conseguem conviver lado-a-lado. A disputa entre os dois setores pode se ampliar e resultar em novas divisões.

Popularizar ideias reacionárias que podem ser instrumentalizadas e adotadas por partidos mais tradicionais que estão na oposição é uma coisa totalmente diferente de criar uma política governamental consistente que exige tomar decisões econômicas que colidem com as classes dominantes para as quais os primeiros trabalham. E quando os motivos ideológicos são deixados de lado, o espaço político é ocupado pelo carreirismo e pela ganância, tal como ficou ilustrado no caso do vice-chanceler da Áustria, Strache. Apesar de não existirem garantias de que populistas de direita e a extrema-direita podem ser derrotados automaticamente toda vez que participarem de governos (pois o solo fértil a partir do qual surgem não desapareceu), não deixa de ser interessante ver que tanto o austríaco FPÖ (“Partido da Liberdade da Áustria”) e a Liga Norte na Itália estão com a popularidade em baixa nas pesquisas. Parte da base social da Liga Norte está sendo capturada por um partido ainda mais de direita, “Irmãos de Itália” (Fratelli d’Italia).

Porém, o obstáculo fundamental a partir do qual precisamos construir, é o encolhimento da base social histórica da extrema-direita, a classe média, enquanto há um crescimento da classe trabalhadora. A correlação de forças potencial entre as classes, mesmo em locais em que a classe trabalhadora está frágil na sua organização e politicamente confusa, é um obstáculo grande para políticas decisivas do populismo de direita ou da extrema-direita. Mesmo quando populistas autoritários de direita dependem de certa burguesia nacional nascente – tal como ocorre na maior parte do leste e do centro na Europa – o fator anterior limita enormemente a capacidade de tais dirigentes impor sua política. Isto foi demonstrado pelo movimento massivo contra a nova lei sobre o aborto na Polônia. O apelo de Kaczyński para que milícias fascistas protegessem igrejas e sua ameaça de processar organizadores dos atos com até oito anos de prisão ou multar participantes foram elementos que desapareceram com a inundação massiva de manifestantes, a maior parte formada por mulheres e homens da classe trabalhadora.

O “homem forte” da Índia, Modi, que dirige um governo nacionalista e chauvinista de direita foi confrontado, em janeiro de 2020, por uma poderosa greve geral com mais de 250 milhões de trabalhadores, assim como por protestos de massas contra sua lei de cidadania de 2019. Outros “homens fortes” populistas de direita como Orban ou Bolsonaro podem enfrentar resistências similares. A derrota de Trump, após uma votação recorde, aumentará os limites dessas lideranças.

É compreensível que alguns identifiquem instintivamente figuras como Trump, Modi ou Lukashenko com o fascismo. Correntes neostalinistas ou anarquistas, personalidades do establishment ou burocratas sindicais promovem esta ideia falsa para justificar uma unidade policlassista contra “o principal inimigo” deixando de lado os processos sociais que estão na raiz do apelo dos populistas de direita e extrema-direita. Se não for enfrentado, o populismo de direita pode abrir as portas para a extrema-direita e se enraizar na classe média e em setores mais alienados da classe trabalhadora. Porém, na maior parte dos países, forças organizadas da extrema-direita e, em especial, do fascismo permanecem, por enquanto, objetivamente muito fracas.

O fascismo real é um movimento de massas com o objetivo de destruir e fragmentar qualquer organização da classe trabalhadora. É preciso que ocorra uma derrota decisiva da classe trabalhadora. Ainda que em algumas ocasiões a classe dominante utilize agrupamentos fascistas ou paramilitares como forças auxiliares para aterrorizar e dividir a classe trabalhadora e setores oprimidos (como o Rashtriya Swayamsevak Sangh, RSS, na Índia), o perigo de forças fascistas tomarem o poder estatal para esmagar o movimento dos trabalhadores não está na ordem do dia. Para além das mudanças na correlação de forças entre as classes que torna tal opção cada vez mais inviável, as classes dominantes não sentem a necessidade de seguir o mesmo caminho que foi adotado nos anos 1930 em países como Alemanha, Itália e Espanha – momento em que existia um medo visceral e imediato da revolução socialista. O que foi exposto aqui não significa subestimar os perigos do momento. Se a classe trabalhadora continuar desorganizada e politicamente confusa, grandes derrotas podem ocorrer e abrir espaço para uma repressão mais brutal e para um crescimento mais profundo da extrema-direita. A questão fundamental para se considerar é a resistência da classe trabalhadora, sua força organizativa, seu programa, estratégia e táticas, assim como a direção forjada a partir de suas experiências.

Novas formações de esquerda

Quando levantamos pela primeira vez a necessidade de “novos partidos de trabalhadores”, nos meados dos anos noventa, a ideia foi controversa na esquerda. Ela foi disputada à esquerda. Nossa análise de que o colapso do stalinismo fez com que o “aburguesamento” das organizações políticas de massa se tornasse muito provável, foi tanto perspicaz quanto confirmada pelos acontecimentos. Nossa perspectiva e a base de nosso chamado programático por novos partidos de trabalhadores também foram confirmados no sentido de que houve muitas tentativas ao longo das duas décadas seguintes para estabelecer novas entidades à esquerda da social-democracia, que em alguns países rapidamente se tornaram fatores importantes. Em alguns países este processo recebeu um impulso especial no período após a Grande Recessão. No entanto, também

é verdade que nossa expectativa de que novos partidos de massa seriam geralmente construídos não foi concretizada.

Algumas das formações formadas desapareceram rapidamente, outras foram suplantadas por novas formações, algumas continuam a existir e podem ainda desempenhar um papel importante no futuro. O novo partido mais significativo a se desenvolver antes da Grande Recessão, a Rifundazione Comunista italiana (fundada em 1991), que teve a participação ativa de dezenas de milhares de ativistas trabalhadores, foi destruído quando entrou no segundo governo de austeridade de Prodi (2006-8). O reformismo dá prioridade à aritmética e manobras parlamentares acima da confiança no poder da organização, mobilização e luta da classe trabalhadora como força motriz da mudança - Infelizmente, a política equivocada de “coalizão” com os partidos pró-capitalistas, em si mesma uma clara expressão da abordagem falida do reformismo moderno passou a ser repetida ad nauseum pelas lideranças de muitas novas formações no período a seguir, muitas vezes com consequências devastadoras.

Após o colapso da RPC, os efeitos de sua traição e a desmoralização que ela provocou se prolongam até hoje. Entretanto, na época a globalização estava em pleno andamento e, embora houvesse movimentos antiglobalização e antiguerra durante esse período, a luta de classes global estava em um nível diferente do que se tornou após a grande recessão e no período que antecedeu a crise atual.

Novas formações de esquerda foram formadas em um período de ataques permanentes contra as condições de trabalho e de vida. Em contraste com os antigos partidos social-democratas e comunistas que consolidaram uma base de massas e tinham uma conexão íntima com a classe trabalhadora durante um longo período de estabilidade capitalista caracterizada por ganhos para a classe trabalhadora, especialmente no Ocidente após a Segunda Guerra Mundial, as novas formações de esquerda foram imediatamente testadas pelas exigências da época do neoliberalismo. Sua existência era, portanto, inerentemente mais instável. Embora ganhando considerável representação eleitoral em vários países, elas permaneceram principalmente “partidos de pressão” até a Grande Recessão de 2008-9, e os ataques viciosos contra os trabalhadores que se seguiram. Então, após um período inicial de paralisia, alguns rapidamente se tornaram concorrentes ao poder.

Na Grécia, a intervenção da Troica provocou grande resistência e revoltas. Nada menos que 40 greves gerais foram convocadas entre a primavera de 2010, o início do primeiro memorando e a vitória eleitoral decisiva de Syriza. O fato de Syriza ter sido catapultado pela crise e pelo vácuo político para se tornar o núcleo deste novo projeto, é um lembrete útil da necessidade de flexibilidade em nossas perspectivas para o surgimento de novas forças políticas de massa da esquerda no próximo período.

Uma vez no poder, Tsipras subestimou a resistência que enfrentaria. Após a eleição, centenas de milhões de euros saíam diariamente do país. O BCE congelou a liquidez dos bancos e os obrigou a fechar as portas. Tsipras podia aceitar os termos da Troica ou ir para a ofensiva: impor controles de capital, recusar o pagamento da dívida, nacionalizar os bancos, introduzir uma moeda nacional, iniciar grandes obras públicas, nacionalizar as grandes empresas que controlam a economia, planejar a economia, impor um monopólio estatal do comércio exterior, controle e gestão dos trabalhadores e apelar para

os trabalhadores de outras partes da Europa para obter apoio. Em vez disso, o Tsipras convocou um referendo em 5 de julho de 2015. Uma tremenda maioria de 61,5% rejeitou um novo memorando e lhe deu o mandato de partir para a ofensiva e se recusar a pagar a dívida, mas uma semana depois ele capitulou. Isso levou a uma desmoralização gigantesca, nenhum setor importante do Syriza ou da esquerda mais ampla foi capaz de mobilizar uma resposta de massa da classe trabalhadora do tipo que seria necessário, e, pelo contrário, foi a direita ND que voltou ao poder.

O movimento Indignados (2011) no Estado espanhol em seu auge envolveu mais de oito milhões de pessoas, principalmente jovens da classe trabalhadora e da classe média, em manifestações e ocupações. A juventude se afastou dos partidos oficiais e dos sindicatos, incluindo a Izquierda Unida, liderada pelo PC, que havia visto um crescimento significativo nas urnas e apoiado publicamente o movimento, mas não foi capaz de se conectar adequadamente com ele. Em seguida, um grupo de intelectuais, personalidades da esquerda e da mídia em torno de Pablo Iglesias lançou Podemos em 2014. Seus ataques à “casta” de políticos corruptos e oligarcas, combinados com um programa reformista de esquerda radical, aproveitaram a atmosfera. Nas eleições parlamentares de 2015, obteve mais de 20%, conquistando cinco milhões de votos da social-democracia.

Durante os anos seguintes, ocorreram várias greves gerais e múltiplas ondas de lutas contra as privatizações, pelos direitos das mulheres, pelo meio ambiente e pelos baixos salários e especialmente pela questão nacional. Estas lutas foram muitas vezes caracterizadas por trabalhadores e jovens rebelando-se contra a liderança oficial do movimento de trabalhadores, e impondo um caminho militante de luta pela base. Em vez de se basear nesta dinâmica para lançar uma luta determinada pelo poder, a liderança do Podemos (agora aliada à antiga Izquierda Unida) concentrou-se em manobras institucionais, diluindo seu programa político, e apresentando-se como um partido comprometido com a estabilidade capitalista “constitucional”.

A Covid-19 mudou o cenário. Após quatro eleições em quatro anos, foi formado o governo PSOE-Unidos-Podemos de “esquerda”. Ele enfrenta enorme pressão de baixo para reverter os cortes impostos ao longo dos últimos anos. Em junho introduziu o que erroneamente chama de renda básica universal, na realidade auxílio público para os pobres semelhante ao que existe em outros países europeus. No entanto, beneficiará 850 mil famílias a um custo de mais de 3 bilhões de euros por ano. Em seguida, greves, demonstrações e outras ações sobre a saúde fizeram o governo conceder um aumento de 151% em seu orçamento de saúde de 2021 e prometer um aumento adicional de 10% no que chama de investimento social. Não é, como Iglesias se gaba, “o início de uma nova época que deixa o neoliberalismo definitivamente para trás e restaurará os direitos trabalhistas e sociais e os serviços públicos”. O aumento do orçamento da saúde, por exemplo, inclui a compra de vacinas. Mas após anos de cortes intermináveis, será visto como uma indicação bem-vinda de mudança e estimulará novas demandas dos trabalhadores, inclusive por nacionalizações.

Na escala econômica europeia, a Espanha 2020 pesa mais do que a Grécia 2010, sua dívida pública em relação ao PIB é menor e seu acesso aos mercados financeiros ainda não é um problema. Mas também reflete o processo desencadeado pela pandemia e pela depressão, o afastamento do neoliberalismo, com espaço, pelo menos por enquan-

to, para sair da depressão através de aumento de gastos, inclusive na Europa. Mas as políticas do governo também mostram seus limites políticos. Apenas 2 bilhões de euros do dinheiro necessário estão planejados de vir através de um aumento de impostos de 2% sobre os altos rendimentos (mais de 300 mil euros), 3% sobre a renda do capital e uma pequena redução das isenções fiscais para os dividendos estrangeiros. A maior parte será paga por um “adiantamento” de 27 bilhões de euros do fundo de recuperação da UE. Com uma economia prevista para contrair 11,2% em 2020 e uma taxa de desemprego de 16,3% no 3º trimestre, o governo acabará espremido entre as exigências de trabalhadores para ir muito mais além e a resistência do establishment, auxiliado pela UE e pelo BCE, que utilizará os subsídios do fundo de recuperação da UE como uma alavanca para transferir o fardo para os trabalhadores.

Os exemplos grego e espanhol contêm ambos muitas lições para a atualidade. No lado positivo eles ilustram como grandes eventos e importantes movimentos sociais, mesmo após a exaustão ou sendo expulsos das ruas, podem transformar pequenas formações esquerdas ou recém-criadas em questão de poucos anos em grandes instrumentos, desde que sejam capazes de articular alguns dos principais sentimentos, como fez o Syriza na Grécia, apelando por um governo de esquerda ou Podemos na Espanha quando criticou ‘La Casta’. A traição da RPC na Itália e posteriormente da Syriza na Grécia sem dúvida complica os desenvolvimentos futuros. Mas nem todas as derrotas são iguais, nem ocorrem no mesmo contexto ou período.

A capitulação de Sanders, apesar de ser um importante revés, de forma alguma impediu o desenvolvimento do Vidas Negras Importam, nem reduz o interesse por um novo partido de esquerda, que deverá crescer após um período inicial durante a presidência de Biden. Em períodos de politização em massa e crise, o impacto das derrotas também pode ser diferente entre diferentes camadas. Camadas importantes podem tirar conclusões mais avançadas das derrotas e se aproximar de uma compreensão da falência do reformismo. Na Grã-Bretanha, o que parece ser a derrota definitiva do “corbinismo” tem visto uma camada significativa de novos ativistas procurarem alternativas mais à esquerda, incluindo um número importante que se aproximou de nossa seção, muitos dos quais aderiram.

As complicações são muitas. O que é evidente, porém, é que os processos que levaram às revoltas sociais da segunda metade de 2019 continuam após uma breve interrupção, mesmo enquanto a pandemia ainda está em pleno andamento. A Bolívia e o Chile são apenas as principais expressões de como esses movimentos também podem se traduzir em uma maioria esmagadora de votos, seja em eleições ou referendos. É importante para a determinação de qualquer movimento sentir que ele representa a opinião majoritária. Tais movimentos no Brasil ou na Argentina poderiam transformar o PSOL e o FIT em grandes forças que estimulariam a formação de forças similares em toda a América Latina. Mesmo na Nigéria, após a revolta da juventude, ou na África do Sul, envolvendo a juventude e partes do ainda gigantesco movimento de trabalhadores, a questão de novas formações de esquerda poderá ser colocada em um futuro próximo. Na África do Sul, embora a existência do EFF (Combatentes da Liberdade Econômica) seja um fator complicador adicional.

Será que o enorme abismo entre a maturidade das condições objetivas, a vontade de

lutar com determinação por mudanças radicais, a perspectiva internacionalista, por um lado, e a falta de organização e liderança, por outro, só pode levar a derrotas e inevitáveis reações? Ou o movimento, por causa de sua força potencial, virá em ondas, às vezes na ofensiva, e então será empurrado para trás, e ao invés aprenderá com suas derrotas enquanto forja os instrumentos organizacionais e uma liderança mais alinhada com os desafios, no curso da ação? Não há uma resposta de antemão a essas perguntas. Embora a série de crises intratáveis enfrentadas pelo capitalismo mundial tenderá a empurrar uma camada crescente, especialmente entre os jovens, para o entendimento básico de que uma ruptura com o sistema é necessária, muitos trabalhadores e jovens ainda precisarão praticamente testar os limites do reformismo antes de adotarem uma perspectiva revolucionária. Isto não significa um processo lento. Na verdade, tais mudanças muitas vezes acontecem rápida e dramaticamente. Não podemos ter uma visão rígida de como exatamente essa experiência será vivida, incluindo que ela deve, em todos os casos, ocorrer através de novos partidos de massa. Tampouco devemos ter uma visão de que, a menos que tais novos partidos de massa sejam estabelecidos em breve, existe uma barreira intransponível para o desenvolvimento da consciência da classe trabalhadora e da juventude.

Uma das principais tarefas dos partidos revolucionários é generalizar e integrar as lições do passado em seu programa e intervenção. Embora elementos importantes da análise e perspectiva do CIT para novas formações de esquerdas tenham sido confirmados pelos eventos, o fato é que aspectos importantes de nossas perspectivas não se desenvolveram como antecipamos significa que uma revisão crítica também é necessária. Até certo ponto, havia uma tendência de esperar que as novas formações se assemelhassem mais aos “partidos de trabalhadores de massa” do passado do que foi o caso. Devemos ter em mente que, assim como os partidos do passado se basearam em circunstâncias históricas únicas, também o que acontece no presente e no futuro será afetado pelas circunstâncias que se desenvolveram desde então. Antes de avaliar as perspectivas políticas futuras, muitos fatores mais recentes precisam ser considerados, incluindo os movimentos independentes da classe trabalhadora, incorporando os movimentos de mulheres e de gênero, ambientais e em particular a radicalização da juventude. Uma juventude radicalizada pode ser um elemento importante nas perspectivas de novos partidos. Por isso, novos partidos que se desenvolvem e crescem na década de 2020 terão as marcas de nossa época.

Descrevemos as fracas raízes das novas formações esquerdas na classe trabalhadora, muitas vezes dominadas por camadas pequeno-burguesas, especialmente na liderança. Sua “reinvenção da democracia” muitas vezes encobre a ausência de verdadeiras estruturas democráticas e uma abordagem de cima para baixo. Sabemos que eles estão voltados principalmente para eleições e coalizões com pouco histórico de mobilizações, desperdiçando assim um potencial crucial. Vimos os limites de seu programa reformista, sua falta de preparação e determinação que, em momentos-chave, leva à capitulação.

Mas temos que aplicar essas lições na situação que prevalece. Hoje, forçadas pelas circunstâncias, as classes dominantes concedem mais espaço de manobra, pelo menos por enquanto, dependendo em diferente grau da riqueza presente em um país e da correlação de forças entre as classes. Sem dúvida os políticos de todos os tipos, inclusive pessoas como Iglesias, vão se apoderar disso. Muitos o considerarão um alí-

vio bem-vindo, uma mudança real e buscarão mais. Negar as circunstâncias alteradas simplesmente nos deixaria despreparados e nos separaria de camadas importantes. Pelo contrário, devemos compartilhar o entusiasmo de lutar por mais, mas sem ilusões e alertar sobre os limites da abordagem reformista e do que é possível dentro da estrutura do capitalismo.

A perspectiva e chamado pela formação de novos e amplos partidos de trabalhadores ou mesmo amplos partidos de esquerda sem um caráter de classe nítido continua sendo de importância crucial como instrumentos para a experiência comum de ação. Nossa experiência até hoje mostra que a necessidade e base de tais partidos pode ser colocada objetivamente - como tem sido o caso nos EUA, por exemplo - por períodos às vezes longos, mas pode levar tempo e grandes acontecimentos para surgir, na ausência de uma liderança combativa da classe trabalhadora com a confiança necessária para tomar a iniciativa. Por outro lado, a experiência também aponta para o fato de que os vazios têm uma tendência a serem preenchidos, de formas às vezes complexas e imprevistas.

Isso exigirá batalhas ferozes da classe trabalhadora para que novos partidos de massas decolam. Se for estabelecido, exigirá mais uma batalha para garantir uma composição social saudável, estruturas democráticas e uma orientação para ações e movimentos concretos. E, mais uma vez, haverá uma luta contínua sobre o programa contra o oportunismo e o ultraesquerdismo. A menos que haja uma luta, com seções significativas de tais partidos movendo-se em uma direção socialista, revolucionária e marxista, não há garantia de que eles evitarão o destino daqueles que já vieram antes. Entretanto, para muitos trabalhadores e jovens, novos partidos e formações serão a abertura de uma nova vida política, o que pode cegá-los a deficiências cruciais.

Também podemos esperar que uma camada comparativamente menor, mas ainda assim muito maior do que nas últimas décadas, irá pular o estágio de ilusões nos partidos reformistas de massas e imediatamente buscar um partido revolucionário. Temos que ganhá-los e integrá-los, treiná-los em nosso método de princípios, mas de transição, para nos tornarmos parte da espinha dorsal de nossas intervenções em movimentos, em partidos mais amplos, quando enfrentamos repressão e derrotas parciais e nos ajudar a construir o núcleo de uma futura internacional revolucionária de massas de trabalhadores.

No passado, falamos com frequência sobre a “dupla tarefa” de ajudar a reconstruir um movimento de trabalhadores combativo e ao mesmo tempo construir forças revolucionárias. Este continua sendo um conceito chave, embora talvez devêssemos reformular o conceito, uma vez que no passado ele levou a alguma confusão. Não significa uma equação igualmente equilibrada entre a construção do amplo movimento de trabalhadores e a construção do partido revolucionário. Enquanto a construção do movimento de trabalhadores e novas formações/partidos podem ganhar ou perder relativa urgência dependendo dos desafios concretos, nossa tarefa principal e estratégica continua sendo a construção de um núcleo revolucionário. Isto foi confirmado ao longo de nossas experiências ao longo dos últimos trinta anos com novas formações esquerdas. Entretanto, para alcançar a maior parte das massas continuará a ser necessária uma aplicação hábil e educativa das táticas da frente única.

É claro que faremos parte de qualquer movimento decisivo em direção à independên-

cia política da classe trabalhadora, lutando sempre por um programa revolucionário claro. Mas não há uma abordagem tática que possa ser trabalhada de antemão e que se aplicará em todas as circunstâncias.

A repressão do Estado, e a luta pelos direitos democráticos

Embora este novo período seja marcado por lutas de classe mais explosivas, os socialistas também precisam estar preparados para formas mais agressivas de reação estatal.

O surgimento da pandemia de Covid-19 tem sido acompanhado por uma onda global de ataques aos direitos democráticos - sendo a “lei de segurança nacional” em Hong Kong a mais completa legislação repressiva imposta até agora desde o início desta nova crise. Um estudo da ONG Freedom House identificou 80 países onde “a democracia sofreu um revés durante a pandemia”. As classes dominantes aproveitaram o vírus para intensificar a repressão estatal e justificar uma legislação draconiana que teria sido muito menos fácil de implementar em tempos “normais”.

Uma vez que a pandemia se instale, eles sem dúvida tentarão manter estas novas restrições aos direitos democráticos tanto quanto possível - embora em vários lugares, explosões de luta tenham “desbloqueado” a situação e forçado a classe dominante a restringir suas ambições. Em outubro, o primeiro-ministro tailandês, por exemplo, foi forçado a suspender um estado de emergência imposto uma semana antes porque ele foi “cancelado” de fato pela escalada de protestos nas ruas.

Os governos do Ocidente imperialista foram rápidos em apontar o dedo aos “regimes autoritários” explorando a crise para intensificar a repressão. Com isso, é claro, eles se referem apenas àqueles que não estão alinhados com seus interesses geopolíticos. De fato, as “democracias liberais” no mundo capitalista avançado têm sido, elas mesmas, o cenário de uma forma rasteira de autoritarismo e transgressão das normas tradicionais do regime democrático burguês. Esta não é uma tendência nova, mas tem sido reforçada pela pandemia e pela forte desaceleração econômica.

A crise do capitalismo está minando e enfurecendo a classe média e criando uma ebulição generalizada na classe trabalhadora; os partidos burgueses tradicionais foram despojados de partes significativas de sua base de apoio após muitos anos de investida neoliberal. O capitalismo está, portanto, arrastando cada vez mais sua maquinaria estatal para a linha de frente para conter o nível crescente de contradições sociais que tem gerado. Como Trotsky explicou certa vez, sob a pressão violenta dos antagonismos de classe e internacionais, os disjuntores da democracia se fundem ou explodem.

Na França, Macron planeja fazer passar um projeto de lei “antisseparatismo” que será a abertura para uma bateria de medidas de mão de ferro, visando mais particularmente a comunidade muçulmana, mas também, como declarou o Ministro do Interior, “partes da ultraesquerda”. O regime israelense, elogiando-se frequentemente como a “única democracia no Oriente Médio”, tem implementado algumas das medidas antidemocráticas mais extremas no contexto da pandemia, inclusive dando poderes ilimitados de vigilância à polícia secreta.

Uma política e prática racista mais dura do Estado é parte do nacionalismo político

que interage com o nacionalismo no campo econômico. Os refugiados são alvo de uma repressão estatal particularmente acirrada. Em setembro, a União Europeia lançou uma proposta de um novo “pacto migratório” que em novilíngua orwelliana fala de “solidariedade” - a solidariedade dos Estados membros ajudando uns aos outros com deportações forçadas e um processo acelerado de avaliação (leia-se: negando) de pedidos de asilo. A substituição do campo incendiado de Moria em Lesbos por um campo ainda mais prisional é reveladora, assim como as revelações da prática da UE de “empurrões” no Mediterrâneo (forçando barcos de refugiados a entrar em águas internacionais onde não há obrigação legal de resgatá-los).

Embora a UE tenha, desta forma, enquadrado brutalmente a “crise dos refugiados de 2015” como sendo do passado, a crise real dos refugiados só tem crescido. Segundo a ONU, havia pelo menos 79,5 milhões de refugiados no final de 2019 - o número mais alto desde a 2ª Guerra Mundial - números que deverão aumentar à medida que as instabilidades políticas e ecológicas aumentarem. A nova guerra civil na Etiópia poderá forçar até 200 mil civis a fugir. De acordo com o Instituto de Ecologia e Paz (IEP), cerca de 24 milhões de pessoas foram desalojadas anualmente por desastres ecológicos nos últimos anos. O IEP estima que até 2050 cerca de 1,2 bilhões de pessoas poderiam ser “refugiados climáticos”.

A questão dos refugiados, em outras palavras, está destinada a se tornar muito mais urgente. Com a maioria dos refugiados deslocados dentro de seus próprios países e regiões duramente castigadas, serão feitas tentativas por parte das elites governantes para fomentar sentimentos xenófobos e violência (como visto, por exemplo, na África do Sul em outubro) para desviar a culpa por seus próprios fracassos. Enquanto os governos, os populistas e a extrema-direita tentam fechar, criminalizar, culpar e punir as vítimas, e nestes esforços fazem uso e alimentam visões racistas e reacionárias, a questão também contém um potencial explosivo de solidariedade e protesto da classe trabalhadora. A resposta inicial em toda a Europa em 2015 foi de solidariedade de massas. Agora, o papel que os trabalhadores migrantes têm desempenhado para sustentar os serviços de saúde e de cuidado aos idosos nos países ricos tem sido registrado entre seus colegas de trabalho e de forma mais ampla. Os protestos provocados pelo despejo em massa dos refugiados franceses em Paris e contra a nova “lei de segurança” indicam isso.

No mundo neocolonial, a situação é ainda mais aguda. A crise trouxe à tona a brutalidade nua e crua do Estado indiano, juntamente com seus traços de casta e comunalista. Em outubro, o parlamento do Sri Lanka aprovou uma emenda constitucional que prevê uma expansão radical dos poderes do presidente Gotabaya Rajapaksa, dando-lhe controle irrestrito sobre as principais instituições e eliminando os controles parlamentares - um movimento que santifica o deslizamento do país em direção a uma ditadura bonapartista em pleno vigor. De acordo com o Projeto de Dados de Localização e Eventos de Conflitos Armados (ACLED), que tem monitorado mudanças nos padrões de protestos em todo o mundo através do COVID-19 Disorder Tracker (CDT), a repressão estatal aumentou em 30% na África, com cerca de 1.800 incidentes em que as forças estatais atacaram civis. O recente golpe militar em Mali é nesse sentido indicativo de uma tendência mais ampla no continente, com o exército ou setores do mesmo chamados a desempenhar um papel mais proeminente.

Isto não é motivado apenas pelas classes dirigentes afiando suas navalhas em preparação para explosões sociais mais sérias. Cenários de colapso econômico também podem aumentar o descontentamento nos escalões inferiores e médios do aparato estatal. Quando o bolo a ser saqueado está diminuindo, as lutas internas entre as várias alas das elites governantes locais e no topo do Estado também podem se intensificar. O descontentamento em massa na sociedade pode então se tornar uma alavanca para agarrar o poder para si mesmos, removendo líderes impopulares e apresentando tais tomadas de poder militares como sendo de acordo com a vontade das ruas.

Tais golpes podem receber um certo apoio em seus estágios iniciais. Como no Sudão no ano passado, o golpe de Estado em Mali foi inicialmente saudado por setores da população, pois removeu o presidente Keita contra quem as massas haviam protestado durante meses antes. Mas o próprio fato de que os golpistas foram forçados a apresentar seu movimento como uma continuação da luta de massas implica que o equilíbrio das forças não mudou decisivamente a favor da junta contrarrevolucionária, e que é provável que o movimento ressurgirá em uma reação contra os recém-chegados militares, na medida em que eles não conseguem pôr fim à insurgência jihadista, à extensa corrupção no Estado e à pobreza e problemas sociais generalizados.

Na Bolívia, menos de um ano após o golpe de direita contra Evo Morales, as massas fizeram um retorno espetacular, através de duas semanas de mobilizações em agosto, seguidas pela retumbante vitória eleitoral do MAS nas eleições de outubro. Lá novamente, o golpe não conseguiu impor um golpe duradouro ao movimento da classe trabalhadora, dos povos indígenas e dos camponeses pobres.

Isto, naturalmente, não significa que tais golpes esmagadores não possam ou não venham a acontecer no futuro. No entanto, geralmente, os movimentos neste período tenderão a se recuperar mais rapidamente das derrotas do que no passado. O maior peso social da classe trabalhadora em comparação com períodos históricos anteriores e o correspondente esgotamento e proletarianização das fileiras da pequena burguesia - a base social tradicional da reação - significa que a burguesia não tem o mesmo reservatório a ser explorado para consolidar ditaduras militares, muito menos regimes fascistas.

A trajetória do governo de Sisi no Egito ilustra o ponto que sustentar regimes ditatoriais explícitos por um longo período de tempo está se tornando mais desafiador para as classes dirigentes. O golpe militar de Sisi em 2013 abriu as portas para uma contrarrevolução feroz, purgando fisicamente a “vanguarda” da revolução de 2011 através de assassinatos e prisões em massa, tortura e exilados forçados. Mas seis anos depois, “o Egito está de volta à estaca zero, em uma situação amplamente semelhante à anterior à revolução de 2011: estável na superfície, mas com profundos problemas estruturais e queixas sociais latentes, e os esgotamento dos amortecedores disponíveis para mitigá-los” - como comentou recentemente um artigo da Iniciativa de Pesquisa Árabe. O mesmo artigo advertiu que uma explosão social provavelmente seria provocada “pela ausência de quaisquer amortecedores”.

A ASI precisa dar uma ênfase especial e renovada às aspirações democráticas neste período, pois a erosão destes direitos está se tornando um ponto focal de raiva, especialmente entre os jovens, alimentando a radicalização contra o sistema e provocando

explosões de massa. Os protestos contra a brutalidade policial têm sido uma característica marcante e internacional das lutas em 2020, inclusive nos EUA, Colômbia, Tunísia, Nigéria e em vários outros lugares - mostrando que a volta das classes capitalistas ao aumento da violência estatal e a formas mais autoritárias de governo não acontecerá sem sérios contratempos.

Mais especialmente em países com ditaduras, semiditaduras, remanescentes de ditaduras anteriores, governo estrangeiro ou formas incompletas de governo democrático burguês, as demandas democráticas contêm um alto potencial revolucionário e serão parte crucial de um programa ofensivo de mobilização contra o sistema. Isto foi novamente destacado pela experiência da votação da Assembleia Constituinte no Chile. Este foi o resultado direto da revolta de trabalhadores e jovens em 2019, que foi mais longe em escala e intensidade do que muitos dos movimentos que explodiram em 2019. O resultado da votação no plebiscito de outubro foi uma tapa na cara de Piñera e do establishment, e um impulso de confiança para as massas chilenas. O “processo constituinte” que se seguirá representa uma tentativa tática da classe dominante de descarrilar o potencial revolucionário da luta e buscar um “reinício” superficial que deixe intactos os fundamentos do sistema. Por outro lado, também provocará um amplo debate na sociedade sobre a necessidade de mudanças estruturais, nas quais os marxistas devem intervir, explicando as limitações de uma mera “revolução política” que ajusta a superestrutura do sistema e a necessidade de uma revolução social para construir uma sociedade socialista fundamentalmente diferente. Em geral, os marxistas não podem se dar ao luxo de deixar estas questões nas mãos de alas “liberais” da classe dominante; eles deveriam lutar, ao invés disso, como os “democratas” mais consistentes, enquanto conectam as exigências democráticas à necessidade de uma luta revolucionária pela mudança socialista.

Embora exista uma disposição generalizada para defender os direitos democráticos, ela também é combinada com uma profunda crise de legitimidade das instituições oficiais da democracia burguesa, vista como corrupta e tendenciosa em favor dos ricos e poderosos. Pesquisas no Centro para o Futuro da Democracia da Universidade de Cambridge mostram um aumento da insatisfação global com a “democracia”, um sentimento que disparou acentuadamente após a Grande Recessão de 2008. A óbvia incapacidade das classes dirigentes de lidar com a pandemia aumentou ainda mais esta desconfiança. Várias forças populistas e de extrema direita estão se alimentando disso, tentando deslegitimar as instituições centrais da democracia burguesa, tipificada pela campanha de Trump alegando, sem fundamento, fraude eleitoral nas eleições presidenciais estadunidenses. Enquanto se opõem a qualquer ataque aos direitos democráticos, os socialistas devem sempre deixar claro que não lutamos para preservar as instituições decadentes da democracia capitalista, mas defendemos um programa de democracia real que inclua os direitos democráticos nos locais de trabalho, escolas, bairros e toda a sociedade - enfatizando o papel central e ativo que a classe trabalhadora e a juventude precisam desempenhar na luta e na realização de mudanças genuínas.

Vale lembrar que a supressão de manifestações democráticas na China teve um papel central na transformação da Covid-19 em uma pandemia global. Da mesma forma, a ausência de controle democrático de trabalhadores e controles em todos os aspectos da vida sob o capitalismo aumentará o questionamento do sistema por camadas cres-

centes de trabalhadores e jovens, e deve ser ousadamente retomada no programa de todas as nossas seções.

Conclusão

A pandemia e a crise econômica são características de um impasse mais profundo enfrentado pelo capitalismo: sua incapacidade de desenvolver as forças produtivas ou a economia mundial em uma base harmoniosa. E embora a atenção tenha sido voltada para estas crises gêmeas, a iminente catástrofe climática representa uma ameaça ainda mais fundamental para nosso futuro, a menos que ponhamos um fim a este sistema cada vez mais parasitário.

A classe dominante foi forçada a se afastar da agenda neoliberal para evitar uma recessão econômica ainda mais profunda. Nem é capaz de usar as mesmas justificações ideológicas para seu governo que usou durante a era neoliberal. Cada vez mais se voltará para o nacionalismo e o racismo para manter os/as trabalhadores/as divididos/as. Mas o chicote da contrarrevolução que vemos em país após país também levará a classe trabalhadora e os oprimidos a se organizarem econômica e politicamente.

Os movimentos de massa têm demonstrado sua capacidade de fazer recuar a classe dominante e os retrocessos e derrotas que temos visto em alguns casos não têm sido decisivos. Ainda estamos em uma ascensão da luta de massas. É claro que, se as fraquezas subjetivas e a desorganização do movimento de trabalhadores não forem superadas no próximo período, poderemos enfrentar a perspectiva de derrotas mais sérias.

Nossas tarefas como uma organização revolucionária são mais urgentes do que nunca. O aspecto mais favorável da situação atual para nós é a radicalização da juventude, especialmente das mulheres jovens, e o internacionalismo instintivo que temos visto nas convulsões de 2019 e 2020. Acreditamos firmemente que haverá oportunidades significativas para construir nossas forças nos próximos meses e anos.

www.lsr-asi.org
internationalsocialist.net